

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio de Mesquita Filho”

Instituto de Artes

SUZIMARA REGINA BATISTA RIZZO

A QUESTÃO ÉTNICO RACIAL COMO IDENTIDADE E MEMÓRIA:

uma proposta de arte em trilhas.

SÃO PAULO

2024

SUZIMARA REGINA BATISTA RIZZO

**A QUESTÃO ÉTNICO RACIAL COMO IDENTIDADE E MEMÓRIA:
uma proposta de arte em trilhas.**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Artes (PROF-Artes), na área de concentração em Ensino de Artes, do Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista (UNESP), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Artes.

Linha de pesquisa: Abordagens teórico-metodológicas das práticas docentes

Orientadora: Prof^a Dra. Rejane Galvão Coutinho

SÃO PAULO

2024

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação
do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

R627q Rizzo, Suzimara Regina Batista (Suzi Rizzo),
1982-
A questão étnico racial como identidade e memória:
uma proposta de arte em trilhas / Suzimara Regina
Batista Rizzo. -- São Paulo, 2024.
122 f. : il.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rejane Galvão Coutinho.
Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) –
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita
Filho”, Instituto de Artes.

1. Arte na educação. 2. Ensino. 3. Ensino médio. 4.
Cultura afro-brasileira. 5. Negros - Identidade racial. 6.
Negros - Identidade étnica. 7. Racismo. I. Coutinho,
Rejane Galvão, 1953-. II. Universidade Estadual
Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 707

Bibliotecária responsável: Luciana Corts Mendes - CRB/8 10531

SUZIMARA REGINA BATISTA RIZZO

**A QUESTÃO ÉTNICO RACIAL COMO IDENTIDADE E MEMÓRIA:
uma proposta de arte em trilhas.**

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado Profissional em Artes (PROF-Artes), do
Instituto de Artes da UNESP, como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestra em Artes.

Trabalho equivalente a Dissertação aprovada em 17/06/2024

Banca Examinadora:

Profª Dra. Rejane Galvão Coutinho
(Instituto de Artes – UNESP) Orientadora

Profª Dra. Denise Pereira Rachel
(Participante Interno – UNESP)

Prof. Dr. Pio de Souza Santana
(Participante Externo – UNIMES)

Suplente:

Prof. Dr. Sidiney Peterson Ferreira de Lima
(IA/UNESP)

RESUMO

Esta Proposta Pedagógica em Trilhas tem o objetivo de compartilhar uma experiência na aula de Arte de uma escola pública do município de Fernandópolis/SP com estudantes de 1º ano do Ensino Médio, por meio do estímulo gerador a Lei 10.639 de 09 de Janeiro de 2003 visando um trabalho de estudo em torno das questões étnico raciais, buscando combater o racismo estrutural nas escolas. Ao trabalhar a cultura africana e afro brasileira de forma interdisciplinar, com estímulos a difundir a história e cultura, por meio de pesquisas de campo, pesquisas científicas, estudos sobre artistas e obras de arte, descobrindo e identificando esportes, brinquedos, brincadeiras, danças, músicas, religião e culinária levando o discente a ampliar seu repertório cultural nas matrizes africanas. Ao mesmo tempo, a proposta pedagógica também se desdobra em conhecer e reconhecer a sua identidade e memória como descendente do povo que com seu suor, sangue e lágrimas ergueu esse país. Portanto, o presente trabalho pretende contribuir para o ensino étnico-racial na escola pública, a partir da aposta em um desenvolvimento a longo prazo entre componentes parceiros e a área de Arte visando uma mudança na concepção e ação dos alunos sobre o viver e conviver em um ambiente multicultural: a escola.

Palavras chave: Ensino de Arte; Estudo Étnico Racial; Interdisciplinaridade; Racismo Estrutural; Proposta Pedagógica.

ABSTRACT

This Pedagogical Proposal on Tracks has the purpose of sharing an experience in the Art Class of a public school in Fernandópolis/SP with 1st year high school students, through the stimulus generated by the law 10.639 of January 9, 2003, intending to a study work around ethnic and racial issues, seeking to combat structural racism in schools. By working on African and Afro-Brazilian culture in an interdisciplinary way, with incentives to disseminate history and culture, through field research, scientific research, studies on artists and works of art, disco Vering and identifying sports, toys, games, dances, music, religion and cuisine leading the student to expand their cultural repertoire in African origins. At the same time, the pedagogical proposal also involves knowing and recognizing your identity and memory as descendants of the people who, with their sweat, blood and tears, built this country. Therefore, the present work intends to contribute to ethnic-racial teaching in public schools, based on a commitment to long-term development between partner components and the Art area, aiming at a change in the students' conception and action regarding living and coexisting in a multicultural environment: the school.

Keywords: Art Teaching. Racial Ethnic Study. Interdisciplinarity. Structural Racism. Pedagogical Proposal

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 UM DIRECIONAMENTO AOS PROFESSORES DE ARTE POR LEI?	9
2.1 A ARTE E O CURRÍCULO ELITIZADO	11
2.2 CUMPRIMENTO DE CALENDÁRIO DE EVENTOS: DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA NA ESCOLA	13
3 A METAMORFOSE DA PROFESSORA DE ARTE	16
3.1 ARTE COMO MEDIAÇÃO CULTURAL E SOCIAL	20
3.2 CULTURA AFRICANA POR OBRIGATORIEDADE	23
3.3 QUESTÕES DE NOMENCLATURA	27
3.4 DOCUMENTOS OFICIAIS NORTEADORES PARA O ENSINO ÉTNICO- RACIAL	29
3.5 O NEGRO E A NEGRA NA ORGANIZAÇÃO SOCIAL BRANCA	34
4 A PROPOSTA PEDAGÓGICA – A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS	40
4.1 TRILHA I – CARTÕES DE CONHECIMENTO E CARTÕES DE RECONHECIMENTO	41
4.1.1 Cartões de Conhecimento	42
4.1.2 Cartões de Conhecimento Cultural Africano e Afro brasileiro	53
4.1.3 Cartões de Reconhecimento	57
4.2 TRILHA II – CARTÕES REFLEXIVOS – INTERPRETANDO OS TAIS DIZERES QUE ‘TODO MUNDO FALA’	62
4.3 TRILHA III – QUEM SOU EU?	87

4.4 TRILHA IV – DESCOBRINDO GRANDES NOMES DE NEGROS E NEGRAS NA ARTE	90
4.5 TRILHA V – APRESENTAÇÃO DAS PESQUISAS	92
4.6 TRILHA VI – COLOCANDO EM PRÁTICA O FAZER ARTÍSTICO	93
5 A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO INTERDISCIPLINAR EM UM PROJETO ESCOLAR.....	95
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	101
ANEXO 1 - BATE PAPO COM OS PROFESSORES DAS DISCIPLINAS PARCEIRAS NA PROPOSTA PEDAGÓGICA A QUESTÃO ETNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS..	105
ANEXO 2 - DEPOIMENTOS VOLUNTÁRIOS DOS DISCENTES	114
ANEXO 3 - UMA TRILHA SURPRESA PARA O CAMINHO DA INTERDISCIPLINARIDADE.....	117

1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, a complexidade das identidades emerge como um tema desafiador, e estar organizados em categorias tradicionais já estabelecidas é algo que persiste desde os primórdios da humanidade. A definição entre ser branco, ser preto e por vezes encoberta pelo termo "pardo", uma outra categoria que nos é ofertada ao preencher formulários, revela-se como um ponto crucial de reflexão e investigação. Minha existência, como filha de um pai negro de origens desconhecidas e uma mãe branca de ascendência italiana, me coloca em uma categoria específica? Este dilema identitário, contudo, representa apenas uma parte de uma sociedade multifacetada, na qual as definições tradicionais só existiram e existem para a seleção, exclusão, discriminação, afinal a cor de sua pele não define quem você é, não te coloca em um quadrado marcado por um X em categorias, mas a cor da sua pele traz sim memórias, identidade cultural, conhecimento e orgulho de suas raízes. Vamos sair desse quadrado?

Refletindo sobre essa pesquisa, percebo a importância de romper com as barreiras das definições pré-estabelecidas pela cor da pele. Neste contexto, questiono, pesquiso, estudo e assim também busco contribuir no processo ensino aprendizagem para a desconstrução desse pensamento e formas de agir com o outro quando se é negro ou negra.

Minha jornada em busca de respostas culminou em uma proposta pedagógica direcionada aos professores de Arte, com o objetivo de implementar projetos a longo prazo que explorem de maneira abrangente a questão étnico-racial, em conformidade com as diretrizes estabelecidas pela Lei 10.639/2003. Em vez de restringir-se a categorias convencionais, minha proposta sugere uma imersão no universo da expressão artística como uma ferramenta poderosa para iniciar diálogos enriquecedores, os quais colocam a identidade e a memória no centro do processo.

A Questão étnico-racial como Identidade e Memória: uma proposta de arte em trilhas, trará ao longo deste trabalho equivalente a dissertação, um texto dividido em quatro seções, sendo o primeiro uma discussão sobre a Lei 10.639/2003, com subseções que trará a questão da arte e o currículo elitizado no qual está inserido e o

cumprimento de calendário de eventos como o Dia da Consciência Negra na escola. No seção três venho discutir a minha metamorfose como professora de arte e nas subseções a arte como mediação cultural e social com reflexões sobre a contribuição de Ana Mae Barbosa; a questão da obrigatoriedade da Lei; as questões de nomenclatura quando falamos em escravo, escravidão e escravizado, compreendendo cada contexto e singularidade, conhecendo alguns dos documentos oficiais norteadores para o ensino étnico-racial. No seção quatro apresento a Proposta Pedagógica – a Questão étnico-racial como Identidade e Memória: uma Proposta de Arte em Trilhas e nas subseções específicas cada uma das trilhas. No seção cinco apresento uma discussão sobre a Importância do Trabalho Interdisciplinar em um Projeto Escolar, com os documentos como LDB, PCNs e BNCC e os subseções trazem depoimentos já trilhados – docentes e depoimentos voluntários dos discentes. Professores relatando como foi participar de forma interdisciplinar da proposta e de alguns alunos de forma voluntária sem identificação; Uma Trilha Surpresa para o Caminho da Interdisciplinaridade fecha com o relato e registros da surpresa feliz do projeto com o convite em participar do FER AFRO, um evento para valorizar a cultura negra na cidade, onde os alunos apresentaram danças de matriz africana como Jongo, Maculelê, Dança do Coco e Samba.

Vista uma roupa confortável, sapatos que não aperte e venha trilhar novos caminhos e descobertas sobre reconstruir, construir e desconstruir conceitos e padrões pedagógicos enraizados, professor e professora, buscar inovar e inventar novas formas de trabalhar a questão étnico-racial na sala de aula, levando os alunos a buscarem suas identidades, suas memórias afetiva, a valorização de suas raízes, e o orgulho de ser descendente de africanos e africanas, negros e negras que fizeram e fazem do nosso Brasil um país de vasta cultura e história.

2 UM DIRECIONAMENTO AOS PROFESSORES DE ARTE POR LEI?

Tive acesso à Lei nº 10.639/2003¹ somente nos bancos da graduação em Educação Artística no ano de 2005, pelo motivo de ter uma disciplina que apresentava os conteúdos que poderiam cair no concurso para professores PEB II que haveria. Seria engraçado se não fosse trágico pensar no descaso com a importância do conteúdo que trata a lei para o currículo de arte na formação dos alunos, como pessoas e cidadãos.

O que essa lei apresenta é a obrigatoriedade do ensino da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil; conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares.

Quando penso na palavra lei, sinto a questão da obrigação de cumprimento, e sim se tornou lei por conta da luta dos movimentos negros, pois sem eles, possivelmente o ensino sobre a história e cultura Africana e Afro-Brasileira, possivelmente não existiria no currículo. Penso como professora de Arte que apresentar e inserir os meus alunos a cultura Africana e Afro-Brasileira é proporcionar conhecimento, ampliação de repertório cultural e principalmente valorização de nossas próprias raízes.

Penso na constante luta que foi para as pessoas que estavam a frente de buscar o direito, por meio da educação, de todos terem acesso ao conhecimento da história e cultura Africana e Afro-Brasileira ao longo dos anos curriculares, saber, conhecer e se reconhecer como parte deste povo, desta herança, do nosso povo, da nossa gente.

¹ D.O.U. de 10 de janeiro de 2003. _____. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC, 2004.

Foi por ano após ano, desde 2006 quando no 3º semestre cursando Educação Artística que iniciei substituindo professores de arte na educação básica, e seguir o que havia vivido na minha escolarização, a mesma abordagem, os mesmos desenhos, seguindo o mesmo calendário comemorativo para cumprir “tabela” no dia da consciência negra, pelas escolas que passei como professora de arte, que senti o quanto eu estava apenas sendo norteada por uma lei e por gestores que viam todo esse contexto como resumido em um dia, por um currículo de receitas prontas, e apenas repetindo o mais do mesmo. Compreendi que o problema não é a obrigatoriedade da lei, mas sim como ela é trabalhada nas escolas, como as coordenações e gestões escolares, a colocam como um simples cumprimento de obrigação. Apagando toda a luta pela existência da lei e toda a memória dos africanos e afro-brasileiros possuem na construção de nossa identidade como povo brasileiro.

A lei nº 10.639/2003 norteia, mas por ela posso me inspirar enquanto professora e ir muito mais além do dia comemorativo como é tratado pelas gestões nas escolas. Posso elaborar um projeto interdisciplinar, levar meus colegas e alunos a pensar fora da caixa, desenvolver estudos, reflexões e práticas a longo prazo, construir novos conhecimentos, romper barreiras, preconceitos e quem sabe re-significar vivências?

Um direcionamento aos professores de Arte por Lei? Sim, pois essa Lei 10/639 que em seu contexto inspira a todos nós, pela luta contínua da busca por direitos, direitos esses que são humanos, sem classe social, sem etnia ou religião, mas de promover o acesso ilimitado ao saber, conhecer e descobrir. A lei me direciona ao infinito de possibilidades de combate ao racismo estrutural.

O mestrado no PROF-Artes me levou a pensar fora da caixa, romper barreiras e ir além dos muros da escola. E hoje compreendo que a lei nº 10.639/2003 que direciona minha pesquisa aponta um rumo, mas o caminho, sou eu professora, arte educadora, pesquisadora juntamente com meus alunos, meus colegas professores de forma interdisciplinar é que vamos trilhar.

2.1A ARTE E O CURRÍCULO ELITIZADO

Elitizado! Quando uso esse termo quero me referir a elite, a privilégios, aos privilegiados, classe alta e em relação aos documentos curriculares de modo geral, estes reproduzem a cultura dominante eurocêntrica e colonizadora. Como apresentado no artigo Eurocentrismo e currículo: apontamentos para uma construção curricular não eurocêntrica e decolonial (2019) dos autores Alessandro de Melo e Débora Ribeiro reflete de modo geral que nosso currículo está inserido em uma tendência tradicional, tecnicista presa aos aspectos da colonialidade por nós vivido e assim exclui os conhecimentos e identidades dos povos e grupos sociais subalternizados que são memória e história da origem do Brasil.

Refletindo sobre a perspectiva do professor Silvio Almeida² (2019), na obra *Racismo Estrutural* que aponta para um currículo elitizado enraizado no racismo estrutural, é evidente que a imposição de padrões hegemônicos não se coaduna com a riqueza e autenticidade da cultura negra. A cultura negra permeia cada espaço público cultural no Brasil, contribuindo significativamente para a memória coletiva. Mesmo ao adentrar um museu, é crucial reconhecer que desde o concreto sob os pés até as obras luxuosas, tudo passou pelas mãos de negros, cujo suor ergueu estruturas para uma sociedade muitas vezes burguesa, arrogante e fútil.

Para Almeida, o racismo estrutural não se manifesta apenas através de atitudes racistas explícitas ou discriminatórias, mas também através de práticas, normas e políticas que perpetuam desigualdades raciais de maneira sistemática. Isso inclui, por exemplo, disparidades em acesso à educação de qualidade, oportunidades de emprego, moradia digna e justiça criminal, entre outras áreas. Essas desigualdades são o resultado de um conjunto de estruturas e instituições que, muitas vezes de maneira invisível e implícita, perpetuam vantagens para grupos racialmente dominantes em detrimento de grupos racialmente minorizados.

² Silvio Luiz de Almeida, renomado filósofo, jurista, professor brasileiro e atual ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil, é reconhecido por suas significativas contribuições nos campos da filosofia política, teoria do direito e estudos críticos de raça. Graduado em Direito pela Universidade de São Paulo (USP) e doutor em Filosofia e Teoria Geral do Direito pela Faculdade de Direito da USP.

Almeida argumenta que o racismo estrutural é um fenômeno global, mas também possui especificidades e nuances particulares em diferentes contextos nacionais. No Brasil, por exemplo, o racismo estrutural está profundamente enraizado em uma história de escravidão, colonialismo e hierarquias raciais que continuam a influenciar as relações sociais e as estruturas de poder até hoje.

Portanto, entender o racismo como um fenômeno estrutural significa reconhecer que ele não é apenas uma questão de preconceito individual, mas uma questão que requer uma análise crítica das estruturas e instituições que perpetuam a desigualdade racial. Para combater efetivamente o racismo, é necessário não apenas abordar as atitudes e comportamentos individuais, mas também transformar as estruturas e sistemas que sustentam a injustiça racial.

Avaliando de maneira rápida e prática o cenário atual, urge questionar: nos ambientes de trabalho, quantos negros ocupam cargos de liderança ou possuem graduações? Quantos alunos negros estão matriculados em diferentes turnos em sua escola? Há presença negra em funções braçais ou de servidão? Além disso, é essencial observar a pressão que a sociedade exerce sobre os negros em relação ao padrão de cabelo, que muitas vezes exige um formato liso e comprido.

Num olhar mais atento às escolas, percebe-se alunas negras que hesitam em se identificar como negras ou descreverem sua cor de pele como preta em apresentações que necessitam da autodescrição, por possuir pessoas portadoras de necessidades especiais. Meninos e meninas, como camaleões, evitam destacar suas características afro, sua coroa, buscando se camuflar em meio aos colegas brancos, talvez por uma falta de reconhecimento de toda a grandiosidade que envolve a identidade negra, ou pela discriminação e racismo já sofrido.

É válido questionar se essa hesitação em abraçar a própria cultura e origem está relacionada à falta de conhecimento sobre a riqueza cultural, resultando em uma visão marcada apenas por correntes, chibatadas, capturas e perseguições. O passado negro, muitas vezes marcado por sofrimento, dor, injustiça e escravidão, pode

influenciar diretamente na maneira como os alunos negros se enxergam na sala de aula, especialmente quando são a minoria.

É crucial, portanto, analisar se o ambiente escolar proporciona um espaço inclusivo, onde cada aluno, independentemente de sua cor, possa se ver representado e valorizado. A uniformização imposta pelo uniforme escolar, por exemplo, pode muitas vezes apagar as nuances individuais, desconsiderando as diferenças que enriquecem a diversidade na sala de aula. Como professores e educadores, é fundamental promover um ambiente que celebre as particularidades de cada estudante, permitindo que todos se sintam reconhecidos e respeitados, contribuindo para uma educação mais inclusiva e consciente.

2.2 CUMPRIMENTO DE CALENDÁRIO DE EVENTOS: DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA NA ESCOLA

O Dia da Consciência Negra é celebrado em 20 de novembro no Brasil e tem como principal objetivo promover a reflexão sobre a importância da cultura afro-brasileira e a luta contra o racismo. Essa data foi escolhida em homenagem a Zumbi dos Palmares³, líder do Quilombo dos Palmares, que foi morto em 20 de novembro de 1695.

A celebração do Dia da Consciência Negra busca exaltar ainda mais nessa data a contribuição histórica, cultural e social dos negros e negras na formação do Brasil, ao mesmo tempo em que destaca um alerta contínuo da necessidade de combater o preconceito racial ainda presente na sociedade. É mais uma oportunidade para reconhecer a diversidade étnica do país e promover a igualdade de direitos para todos os cidadãos, independentemente de sua origem racial.

³ Zumbi dos Palmares (1655-1695) foi o último líder do Quilombo dos Palmares e também o de maior relevância histórica.

Nesse dia, nas escolas em que já atuei, sempre foi realizado um painel com imagens do Zumbi de Palmares, correntes sendo quebradas e frases motivacionais referentes a exaltar os negros e negras.

Na verdade, o Dia da Consciência Negra é mais uma oportunidade para discutir a necessidade de políticas públicas que promovam a igualdade racial e combatam o racismo estrutural. A busca por uma sociedade mais justa e inclusiva envolve a conscientização de que todos têm um papel ativo na construção de um ambiente onde a diversidade é valorizada e respeitada.

Em resumo, o Dia da Consciência Negra deve sim representar um momento significativo para refletir sobre a história do povo negro no Brasil, reconhecer suas contribuições e reafirmar o compromisso com a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e livre de discriminações raciais, pois o racismo a discriminação não acontecem só no dia da Consciência Negra, mas sim infelizmente todos os 365 dias do ano. A proposta pedagógica que apresento aqui, busca a longo prazo atender tudo isso.

Infelizmente nas escolas esse é o único dia do ano em que se fala sobre o negro e a negra, e sempre atrelado a correntes arrebitadas, uma poesia, um mural. Compreendo que a realidade do ambiente escolar, muitas vezes marcada por uma corrida contra prazos e burocracias, pode desviar o foco das aulas do objetivo central: transformar jovens em cidadãos éticos, críticos, conscientes e atuantes diante das injustiças e desigualdades; e por esse motivo apenas se registra o dia, com uma ação isolada, mas não é isso o correto, a data não existe para isso, a luta pela lei não foi para isso.

Diante desse contexto, surge a questão de como a Lei 10.639 de 09 de Janeiro de 2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da História Africana e Cultura Afro-Brasileira, pode ser mobilizada no currículo para combater o racismo estrutural presente nas escolas? Como mulher designada como branca nos documentos oficiais, mas parda por aquela nomenclatura de categorias, professora e pesquisadora, observo de forma atenta e imersa nessa pesquisa que, em uma

pequena cidade do interior, o racismo estrutural se manifesta de maneira indireta, sutil e disfarçada, permeando expressões, músicas, ações, olhares, memes, TikToks, status, figurinhas, gifs e colocações das culturas infantis e juvenis.

Em minhas observações, destaco a discrepância na representação de alunos e alunas negras em uma escola privada e em uma escola pública seletiva. Na privada, com 130 estudantes, apenas um é negro, enquanto na pública, com 360 estudantes, apenas quatro alunos negros, sendo uma aluna negra, estudam no período da manhã, sendo os demais, em sua maioria, negras, negros e pardos, alocados no período da tarde, devido a compromissos com o trabalho.

Diante dessa constatação, e sentindo a necessidade de um trabalho sobre essa rica cultura a longo prazo, quero agir. Não quero mais perpetuar a invisibilidade de negras e negros nas escolas. Busco exaltar a contribuição de suas e seus ancestrais, honrar o sangue derramado por elas e eles e conscientizar meus estudantes sobre o papel fundamental de negras e negros na construção de nossa cultura. Minha pesquisa propõe uma abordagem pedagógica para as aulas de Arte, que transcende o currículo tradicional e inclui elementos de outras disciplinas, destacando a riqueza da cultura negra africana na dança, música, religião, pintura, teatro, cinema e literatura.

Não se trata apenas de uma obrigação legal e cumprimento de calendário de eventos escolares, mas sim de dois semestres de revelações, descobertas, práticas, conhecimentos, reconhecimentos e ações artísticas. Quero mostrar que não é apenas no Dia da Consciência Negra que devemos refletir, mas sim cultivar o respeito diário aos negros e negras, pretos e pretas, pardos e pardas e afrodescendentes. Minha missão é transformar a sala de aula em um espaço de valorização e celebração da diversidade cultural brasileira, reconhecendo e respeitando a contribuição africana que corre em nossas veias todos os dias.

3 A METAMORFOSE DA PROFESSORA DE ARTE

A formação para ser professora vai além dos bancos universitários, pois não há uma receita exata, um manual definitivo ou um passo a passo infalível que prepare completamente para a complexidade do ambiente escolar. Enquanto a graduação ou licenciatura oferece uma base teórica sólida, apresenta grandes pensadores da educação e compartilha metodologias aplicáveis em sala de aula, a realidade do contexto educacional é multifacetada e dinâmica, desafiando constantemente as expectativas.

O estágio, embora valioso, muitas vezes revela que a experiência real de conduzir uma sala de aula vai além das simulações e planejamentos teóricos. Lida-se com a diversidade de personalidades dos alunos, desafios inesperados, e a constante adaptação às necessidades individuais e coletivas da classe. É um processo contínuo de aprendizado e aprimoramento, onde a prática se entrelaça com a teoria, e cada dia traz novos desafios a serem superados.

Ser professora é uma jornada que requer resiliência, empatia e uma disposição constante para se reinventar. A sala de aula é um ambiente vivo e pulsante, onde as relações interpessoais, o dinamismo das interações e as nuances do processo de ensino-aprendizagem desafiam qualquer fórmula pré-estabelecida. A habilidade de conectar-se com os alunos, compreender suas necessidades individuais e inspirá-los vai além do conhecimento técnico adquirido na formação acadêmica.

Assim, a formação para ser professora é uma combinação única de teoria e prática, onde a capacidade de adaptação, a criatividade e a compreensão profunda do papel educacional são essenciais. Não há uma fórmula única para o sucesso na docência, pois cada sala de aula é única, exigindo do educador flexibilidade, paciência e um compromisso contínuo com o aprimoramento pessoal e profissional. É nesse constante processo de aprendizado e crescimento que os verdadeiros desafios e recompensas da profissão docente se revelam.

Quando abordo a questão do conteúdo em minha pesquisa, fica evidente que, ao longo de minha graduação e pós-graduação, não foi oferecido um único componente

curricular que nos imergisse no rico contexto da cultura africana e afrodescendente. Essa lacuna no currículo acadêmico destacou-se como uma ausência significativa, privando-me da oportunidade de aprofundar meu entendimento sobre a contribuição e a riqueza dessa cultura tão importante para a formação cultural brasileira.

No artigo Arte-Educação no Brasil⁴: realidade hoje e expectativas futuras de Ana Mae Barbosa, ela destaca exatamente o comentado acima, a universidade não prepara os professores de Arte para ensinar.

Os professores de arte conseguem os seus diplomas, mas eles são incapazes de prover uma educação artística e estética que forneça informação histórica, compreensão de uma gramática visual e compreensão do fazer artístico como auto-expressão. Muito aprendizado seria necessário além do que a universidade vem dando até agora. Os professores reagem contra o que não estão preparados para ensinar. (Barbosa, 1989, p. 181)

Ser professora é um compromisso com a formação contínua ao longo de toda a vida. O estudo e a pesquisa tornam-se hábitos diários, moldando-se de acordo com as situações que se desenrolam no cotidiano da sala de aula. A busca incessante dos alunos por respostas e a determinação da professora em atender às expectativas criam um ciclo dinâmico, tornando o estudo diário uma fonte de prazer e satisfação.

Longe de ser uma jornada em que o professor é esperado ter todas as respostas, a realidade do chão de escola revela nossa humildade e a compreensão de que não é o diploma que define o ser professora, mas sim o constante aprendizado e a adaptabilidade necessários para enfrentar os desafios diários. Cada dia na sala de aula é um novo desafio, um recomeço, como se fosse a primeira vez que adentramos aquele espaço como guias e facilitadores do conhecimento. Essa dinâmica constante de renovação mantém viva a paixão pelo ensino e a percepção de que, mesmo com a experiência acumulada, há sempre mais a aprender e aprimorar na arte de ser professora.

⁴ BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras. Relato encomendado pela UNESCO à INSEA. In: [s.n.], 1989. p. 181. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/slideshow/artes-educacao-no-brasil-artigo-ana-mae/34645438>. Acesso em: 9 jul. 2024.

E é justamente neste ambiente, a sala de aula, que toda a magia acontece. O professor é tocado por inúmeras questões desde a localização da Escola, a comunidade que a rodeia, a diversidade do seu alunado, as condições de infraestrutura em que ela se encontra, a organização familiar, a etnia. Este conjunto de aspectos são subsídios para que o professor elabore seu projeto de aula, seu plano de aula. E destaco isso por conta de duas palavras: contextualização e significado, o aluno quando consegue identificar no conteúdo trabalhado situações reais, seu envolvimento e a significação deste processo de descoberta, estudo e criação se tornam reais no seu dia a dia tornando todo o processo de aprendizagem significativo e valioso para ele.

Minha jornada teve início nos bancos universitários no ano de 2005, onde me deparei com a inovadora abordagem triangular da renomada professora Ana Mae Barbosa. Sendo um referencial teórico inovador na educação artística, que busca integrar três processos de ensino e aprendizagem: a contextualização de vários campos conceituais, a leitura de imagens de arte e a prática artística.

A abordagem triangular⁵, ao integrar esses três processos, visa proporcionar uma experiência educacional completa e significativa no ensino das artes. Ao incorporar o estudo contextual de vários campos conceituais, a leitura de imagens de arte e a prática artística, Ana Mae Barbosa busca formar alunos mais conscientes, críticos e engajados no universo das artes. Essa abordagem contribui para a formação de cidadãos culturalmente enriquecidos e aptos a compreender e contribuir para o cenário artístico e cultural em que estão inseridos.

Contudo, foi nas disciplinas do Prof-Artes que experimentei uma autêntica metamorfose. Compreender o que são e como são as metodologias de pesquisa com a professora Rejane Galvão Coutinho e a professora Tarsila Lima da Costa, descobrir e encontrar qual era a questão da minha pesquisa? E aprender o que é uma pesquisa etnográfica. Nesse ambiente, mergulhei no processo que levou Ana Mae Barbosa à sistematização da abordagem triangular. Fui apresentada às fascinantes Escolinhas

⁵ BARBOSA, A. M. T. B.; CUNHA, F. P. da. **A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

de Arte do Brasil que eu não imaginava que haviam existido; desvendando a poética presente em uma paisagem, explorando a costura fotográfica pelas mãos habilidosas da professora Patrícia Grandini. Aprofundei-me na arte da curadoria do currículo para meus alunos, uma habilidade que descobri existir em mim sob a orientação do professor Sidiney Peterson. Além disso, absorvi valiosas lições sobre o uso do Jogo Contemporâneo como uma metodologia inovadora, revelada pelo professor Pio Santana, jogo este que me despertou as trilhas que apresento aqui em minha pesquisa.

Essa jornada não apenas me proporcionou uma compreensão mais profunda da prática docente, mas também instigou meu compromisso com uma abordagem educacional mais rica, envolvente e alinhada às demandas contemporâneas. A metamorfose de professora de Arte da graduação para a professora de Arte aluno do mestrado, impulsionada por essas experiências e aprendizados, solidificou meu comprometimento com a busca pela excelência na educação artística e reforçou meu desejo contínuo de explorar e aprimorar as possibilidades de inspirar os alunos por meio da arte.

Esses novos conhecimentos, somados à minha bagagem inicial, ingênua e simples, porém idealista na busca por ser uma professora de Arte e Educadora que deseja transformar a vida de seus alunos por meio das linguagens artísticas, promoveram uma revolução profunda em meu pensamento, didática e conduta em sala de aula. Ser professora é uma responsabilidade de imensa magnitude, e a dedicação diária para ser a figura que inspira os alunos a se tornarem indivíduos melhores para o mundo foi o catalisador da minha metamorfose.

Nesse processo de evolução, percebi que o ato de ensinar não é uma transmissão de informações; é uma oportunidade de cultivar valores, promover o desenvolvimento humano e estimular a criatividade e a reflexão. Cada aula tornou-se uma plataforma para instigar a curiosidade, fomentar o pensamento crítico e despertar o potencial artístico único presente em cada aluno.

Como bem afirmava o saudoso Raul Seixas, o querido poeta, compositor, produtor e multi-instrumentista, considerado pioneiro do Rock no Brasil e artista nato por natureza: "Sonho que se sonha só é só um sonho que se sonha só, mas sonho que se sonha junto é realidade." Nessa jornada educacional, compreendi que a construção de um ambiente de aprendizado colaborativo é essencial. A troca de experiências, a valorização da diversidade e o estímulo à expressão artística coletiva são elementos-chave para criar uma verdadeira comunidade educativa.

Assim, ser uma professora Arte Educadora é cultivar um ambiente onde a arte se torna um veículo para a transformação pessoal e social. Essa visão ampliada da minha função como professora moldou não apenas minha abordagem em sala de aula, mas também minha percepção do impacto duradouro que a educação artística pode ter na formação de cidadãos conscientes, sensíveis e engajados com o mundo ao seu redor.

3.1 ARTE COMO MEDIAÇÃO CULTURAL E SOCIAL

Ana Mae Barbosa, em sua obra *Arte/Educação Como Mediação Cultural e Social*, organizada por ela e pela professora Rejane Galvão Coutinho (2009, p.13), traça um panorama esclarecedor na introdução. Ela destaca que a ideia de educação como mediação não é um conceito recente, remontando aos primórdios da filosofia, onde figuras como Sócrates já colocavam o professor no papel crucial de mediador. Essa perspectiva foi subsequentemente reforçada por grandes pensadores, incluindo Rousseau, John Dewey e Vygotsky, todos os quais compartilhavam a visão de que o professor não é o detentor absoluto do saber, mas sim um organizador, estimulador, questionador e aglutinador do conhecimento.

Ana Mae Barbosa, ao situar a educação como um processo mediado, ressalta a importância de transcender a mera transmissão de informações. Em vez disso, destaca-se a necessidade de cultivar uma atmosfera em que o educador atue como um mediador, um facilitador do processo de aprendizagem. A mediação, para Barbosa, não se limita à transferência de conhecimento, mas envolve a construção

de relações entre o aluno e o saber, promovendo uma interação dinâmica e enriquecedora.

A autora contextualiza sua abordagem no panorama histórico e filosófico da educação, mostrando que a ideia de mediação transcende eras e correntes pedagógicas. Ao posicionar o professor como um mediador, Ana Mae Barbosa contribui para uma concepção mais contemporânea e humanizada da educação, onde o aprendizado se desenvolve de maneira colaborativa e ativamente envolvente. Essa abordagem, enraizada em uma tradição de pensamento pedagógico, é uma valiosa reflexão sobre o papel fundamental do educador na formação de mentes críticas e participativas.

A autenticidade e a verdadeira riqueza de um povo residem em sua cultura, e a preservação, o cultivo e o reconhecimento de suas origens, de seu passado e da herança cultural proveniente das contribuições de outros povos representam a maneira mais eficaz de guiar as novas gerações no desenvolvimento de laços sólidos e na tessitura de memórias afetivas. Ana Mae, em seu livro, evoca a perspicácia de Paulo Freire, que enfatiza a interconexão intrínseca entre aprendizado e ensino: "ninguém aprende sozinho e ninguém ensina nada a ninguém; aprendemos uns com os outros, mediados pelo mundo." Complementa que:

A arte tem enorme importância na mediação entre os seres humanos e o mundo, apontando um papel de destaque para a arte/educação: ser a mediação entre a arte e o público. (2008, p.13).

Essa abordagem reflete a compreensão de que o conhecimento é um processo colaborativo, onde a troca entre indivíduos é mediada pela complexidade e diversidade do mundo ao nosso redor. Ana Mae, ao citar Paulo Freire, ressalta a importância de um aprendizado que transcende as fronteiras individuais, destacando que a construção do conhecimento ocorre em um diálogo constante e enriquecedor entre as experiências dos indivíduos e o contexto cultural que os cerca.

Além disso, Ana Mae complementa essa ideia, evidenciando que a aprendizagem é um processo social, um entrelaçamento de vivências, percepções e entendimentos. Essa perspectiva reforça a importância não apenas de transmitir informações, mas de

criar um ambiente educacional que incentive a colaboração, a empatia e a compreensão mútua. Ao fazê-lo, ela ressalta que o fortalecimento dos laços culturais e a construção de memórias afetivas só podem ser plenamente realizados quando se reconhece a interdependência fundamental entre indivíduos, comunidade e o rico legado cultural que os envolve.

Com frequência, na dinâmica da sala de aula, o professor de arte pode não perceber que desempenha o papel crucial de curador dos conteúdos artísticos que integrarão o repertório cultural de seus alunos. Cada obra, movimento artístico, período musical, pintor, escultor e todas as outras expressões presentes no ensino de arte, definidos pelo professor no início do ano letivo, moldarão o repertório cultural dos alunos ao longo de suas vidas. As aulas de arte não devem ser meramente uma exigência curricular; elas têm a responsabilidade de transformar a vida de cada aluno, contribuindo para o desenvolvimento de sua sensibilidade, incentivando o florescimento de sua humanidade. Essas aulas não são apenas para serem assistidas; precisam ser experiências que tocam, sensibilizam, provocam ação e pensamento, abordando e transbordando as competências socioemocionais.

Educar através da arte é o caminho que pode guiar as escolas de volta à Cultura de Paz. Ao proporcionar experiências artísticas significativas, os professores de arte não apenas transmitem conhecimento, mas também cultivam um ambiente onde os alunos aprendem a apreciar, respeitar e expressar suas próprias singularidades e as dos outros. Essa abordagem, não é cumprir uma obrigação curricular, é um investimento no desenvolvimento integral dos alunos, promovendo valores de empatia, tolerância e criatividade que se estendem além das salas de aula, contribuindo para uma sociedade mais compassiva e harmoniosa.

Consolidando as ideias acima, destaco o trecho a seguir retirado da página 21 do livro de Ana Mae Barbosa, *Arte/Educação Como Mediação Cultural e Social* organizado por ela e pela professora Rejane Galvão Coutinho (2009):

A arte, como uma linguagem aguçadora dos sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos por nenhum outro tipo de linguagem, como a discursiva e a científica. O descompromisso da arte com a rigidez dos julgamentos que se limitam a decidir o que é certo e o que é errado estimula

o comportamento exploratório, válvula propulsora do desejo de aprendizagem. Por meio da arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (Barbosa, 2009, p.21)

A proposta pedagógica "A Questão Étnico-Racial como Identidade e Memória: Uma Proposta de Arte em Trilhas" busca precisamente esse desenvolvimento. Seu propósito é sensibilizar através da arte, direcionando o foco para a compreensão da importância e do valor da cultura africana e afro-brasileira em nossa construção nacional. Essas trilhas têm a intenção de conduzir os alunos a um reconhecimento profundo e ao orgulho de sua herança cultural. O objetivo é que suas características físicas e traços raciais sejam celebrados como um legado, e não percebidos como um fardo.

A proposta não almeja desvincular os alunos de quem são, mas sim libertá-los do pensamento prejudicial de inferioridade associado à cor de sua pele, aos seus cabelos, bocas, narizes e olhos. Em vez de promover uma busca por uma libertação de suas próprias identidades, a proposta propõe aniquilar a discriminação racial. Afinal, se a educação é verdadeiramente libertadora, por que não usá-la como ferramenta para romper as amarras da opressão?

Portanto, a proposta busca criar um ambiente educacional que nutre o orgulho individual, promove a auto aceitação e desafia os estereótipos prejudiciais. Ao mergulhar nas trilhas da arte, os alunos são convidados a descobrir, questionar e, acima de tudo, abraçar a riqueza da diversidade étnico-racial. Dessa forma, a educação se torna não apenas um meio de transmissão de conhecimento, mas uma ferramenta eficaz para construir uma sociedade mais inclusiva, justa e empoderadora.

3.2 CULTURA AFRICANA POR OBRIGATORIEDADE

A Lei 10.639, promulgada em 9 de janeiro de 2003, representa um marco legislativo significativo no cenário educacional brasileiro. Essa lei alterou a Lei de Diretrizes e

Bases da Educação Nacional (LDB) para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira. Antes dessa alteração, o currículo escolar frequentemente negligenciava aspectos essenciais da contribuição africana e afrodescendente para a formação da identidade nacional, perpetuando lacunas e distorções históricas como o racismo estrutural.

A promulgação da Lei 10.639 visou corrigir essa lacuna, reconhecendo a importância de incluir nos conteúdos pedagógicos aspectos relacionados à história, cultura, e contribuições dos povos africanos e afro-brasileiros. Essa iniciativa visa promover uma educação mais inclusiva, que respeite e valorize a diversidade étnica e cultural do país.

Dentre os objetivos da Lei 10.639, destaca-se o combate ao racismo e à discriminação racial, proporcionando aos estudantes uma compreensão mais ampla e precisa da formação social do Brasil. Além disso, a lei busca estimular o respeito à diversidade e promover a valorização das diferentes culturas presentes no país, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

É importante ressaltar que a Lei 10.639 não se limita apenas ao mês da Consciência Negra; ela estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira ao longo de todo o ano letivo. Isso reforça a necessidade de uma abordagem consistente e integrada desses temas ao longo de todo o percurso educacional, desde a educação infantil até o ensino médio.

Essa legislação representa, portanto, um avanço significativo na promoção da igualdade racial e na construção de uma educação que reflita a diversidade e a riqueza da história do Brasil. No entanto, sua implementação efetiva ainda demanda esforços contínuos para garantir que os objetivos propostos sejam atingidos em todas as instâncias educacionais do país.

Para visualizarmos, segue na sequência a descrição da referida lei:

LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003.

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

*§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.*

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

§ 3º (VETADO)"

"Art. 79-A. (VETADO)"

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 9 de janeiro de 2003; 182º da Independência e 115º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque

Este texto não substitui o publicado no D.O.U. de 10.1.2003

O segundo parágrafo da lei apresenta de maneira nítida e transparente quais são os conteúdos e disciplinas que merecem destaque e aprofundamento no contexto educacional. Nele, vislumbra-se a poesia da escrita do primeiro parágrafo, que reverencia o papel do negro na construção da sociedade brasileira, conferindo-lhe um lugar de fala merecido. Essa abordagem revoluciona a forma como o ensino era conduzido antes da promulgação desta lei, que, por sua vez, rompe com a tradicional representação dos negros nos livros de história, onde eram retratados unicamente como subjugados, castigados, e reduzidos ao papel de mão de obra, figurantes marginalizados na construção da narrativa histórica do país.

Em 9 de janeiro de 2023, a lei abordada nesta seção completou duas décadas, revelando que não se trata de uma novidade. Nesse contexto, deparei-me com uma postagem no site Porvir,⁶ dedicado à educação no Brasil, que disponibiliza artigos, matérias e materiais didáticos valiosos para os professores aplicarem em sala de aula. Entretanto, o que provocou profunda reflexão foram as palavras expressas: "Como Inovar - 20 anos da lei 10.639: Como incluí-la nos currículos." Passadas duas décadas, a lei ainda é tratada como se não estivesse plenamente incorporada, questionando-se a efetividade da obrigatoriedade. Não seria mais apropriado discutir "Como Aplicar", integrando o contexto da lei de forma efetiva na sala de aula?

Minha proposta pedagógica em arte visa justamente criar trilhas possíveis para a sala de aula de maneira interdisciplinar, entrelaçando os estudos sobre arte africana e afro-brasileira com outras disciplinas do currículo de maneira fluida, consciente e contextualizada com a vida dos alunos. Essa abordagem busca oferecer autonomia e protagonismo aos estudantes para que compreendam e valorizem a identidade e a memória negra e africana presentes em seu DNA, em suas famílias, comunidades, colegas de sala, professores negros, profissionais da cozinha, da faxina, e até mesmo na direção da escola.

A proposta não se limita a um projeto pontual no Dia da Consciência Negra, evitando uma abordagem superficial que apenas ressalta a escravidão e submissão dos negros

⁶ 20 anos da lei 10.639. Como incluí-la nos currículos? Disponível em: <<https://porvir.org/web-stories/20-anos-lei-10639-curriculos/>>. Acesso em: 21 dez. 2023.

em relação aos brancos. Pelo contrário, propõe um trabalho de estudo a longo prazo, oferecendo caminhos flexíveis de estudo, pesquisa e criação artística adaptáveis às diversas realidades escolares do país. O principal objetivo é promover uma transformação de ação concreta contra o racismo estrutural presente em nossas escolas, oferecendo uma educação mais inclusiva e consciente.

3.3 QUESTÕES DE NOMENCLATURA

Escravidão, Escravo, Pessoa Escravizada será que existe diferença entre essas terminologias? Todas essas palavras se referem ao negro ou negra que foi trazido da África no navio negreiro a força e vendido aqui no Brasil aos senhores de engenho e mantido como um objeto, sem direitos e muitos deveres, podendo ser castigado caso não segue as regras. Certo? Errado. Vamos compreender melhor essa nomenclatura.

A distinção entre os termos "escravo" e "escravidão" é crucial para uma compreensão mais abrangente e sensível do sistema histórico que marcou profundamente a humanidade. O termo "escravo" refere-se ao indivíduo que foi submetido à condição de servidão involuntária, desprovido de liberdade e frequentemente tratado como propriedade de outra pessoa. Esse status de escravidão era imposta por meio de diversas práticas, desde capturas em guerras até o nascimento em famílias escravizadas.

A renomada historiadora brasileira Lilia Moritz Schwarz⁷ destaca-se por seu trabalho crítico e esclarecedor no contexto da história do Brasil, com foco especial na análise das relações sociais durante o período da escravidão. Em *O Parto do Brasil*, Schwarz (1993) adota uma abordagem que vai além da mera narrativa histórica, comprometendo-se a resgatar a humanidade das pessoas que viveram sob o jugo da escravidão.

A escolha linguística e o emprego do termo "pessoa escravizada" além de evidenciar o ato violento de escravizar alguém, remete também aos movimentos de resistência

⁷ Lilia Moritz Schwarz nascida em São Paulo, é doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP) e atualmente ocupa o cargo de professora titular na mesma instituição.

que não reduzem africanos e afrodescendentes escravizados à vítimas passivas que aceitavam a condição estabelecida pelo sistema escravocrata por isso não podemos usar simplesmente "escravo". Precisamos evitar terminologias desumanizantes e sim que proporcione uma visão mais completa e sensível da experiência daqueles que foram submetidos a esse sistema brutal, e sim reforçar que a escravidão não era uma característica intrínseca à identidade da pessoa, mas uma condição extremamente imposta. Através de sua pesquisa e escrita, Schwarz contribui significativamente para uma compreensão mais profunda da complexidade histórica e social do Brasil.

A escolha cuidadosa da linguagem busca desvincular a pessoa de sua condição de escravidão, enfatizando que a escravidão não define quem ela é, mas sim uma injustiça histórica à qual foi submetida. Utilizar "pessoa escravizada" salienta a narrativa centrada na vítima, colocando o foco na experiência desumana da escravidão e reconhecendo a importância de preservar a dignidade e a individualidade das pessoas que sofreram esse terrível sistema.

Muito além de um ajuste linguístico, reflete uma abordagem mais respeitosa e inclusiva, mas também contribui para desafiar estereótipos históricos e promover uma compreensão mais completa e empática do triste legado da escravidão. Ao adotar termos como "pessoa escravizada", estamos conscientemente escolhendo uma linguagem que honra a humanidade e a resiliência daqueles que foram subjugados por uma das maiores injustiças da história.

Por outro lado, a palavra "escravidão" representa o sistema social, econômico e legal que perpetuou a instituição da escravatura. A escravidão envolvia não apenas a posse de pessoas como propriedade, mas também toda uma estrutura institucional que regulamentava e sustentava essa prática. Esse sistema abrangia desde leis que degradavam e desumanizavam as pessoas escravizadas até a sua exploração em diversas áreas, como agricultura, mineração e serviços domésticos.

Ao compreender a diferença entre esses termos, podemos reconhecer que a escravidão era uma instituição muito mais ampla e complexa do que a simples condição de ser um escravo. Era verdadeiramente um negócio! Ela permeava todos

os aspectos da sociedade, moldando relações interpessoais, estruturas econômicas e até mesmo o arcabouço legal de muitas nações.

Ao analisar o passado, é fundamental utilizar esses termos de maneira cuidadosa, buscando transmitir não apenas a brutalidade da condição de escravidão, mas também a profundidade e amplitude da instituição que a sustentava. Respeitar o passado dos negros e negras não ameniza a dor, mas pode se vislumbrar um novo pensar e agir no presente e futuro das novas gerações de descendentes; Muitos de nós.

3.4 DOCUMENTOS OFICIAIS NORTEADORES PARA O ENSINO ÉTNICO-RACIAL

Realizando o levantamento do material objeto da pesquisa, encontrei os seguintes documentos norteadores para auxiliar o professor e as instituições de ensino a elaborarem suas propostas pedagógicas. Abaixo, um resumo de cada um deles:

1. **Lei 10.639/2003 – criada em 2003:** Introduz a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" nos currículos escolares, modificando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Visa reconhecer e valorizar a contribuição afro-brasileira para a formação da sociedade.

2. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana – criada em 2004:** Essas diretrizes, mencionadas anteriormente, também são relevantes para o ensino de Arte, orientando a inserção de conteúdos que valorizem a diversidade étnico-racial nas práticas artísticas.

3. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana – criado em 2004:** Este plano também é relevante para o ensino de Arte, fornecendo estratégias para a aplicação efetiva das diretrizes em diferentes áreas do currículo.

4. **Parecer CNE/CP 3/2004 – criado em 2004:** Oferece orientações do Conselho Nacional de Educação sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais, contribuindo para a implementação dessas diretrizes nas escolas.
5. **Parecer CNE/CP 28/2004 – criado em 2004:** Trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais, consolidando princípios e orientações para promover o respeito à diversidade no ambiente escolar.
6. **Resolução CNE/CP 1/2004 – criada em 2004:** Estabelece as normas para a implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.
7. **Resolução CNE/CP 2/2004 – criada em 2004:** Define as normas para a aplicação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais, proporcionando um guia prático para as instituições de ensino.
8. **Parecer CNE/CP 003/2005 – criado em 2005:** Aborda a inclusão da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Africana" nos currículos escolares, reforçando a importância do cumprimento das legislações vigentes.
9. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais (MEC, 2006) – criado em 2006:** Oferece subsídios práticos para a implementação das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, contribuindo para a promoção da igualdade racial e valorização da diversidade cultural na educação.
10. **Currículo Referência de Arte para o Estado de São Paulo – criado em 2008:** Alguns estados brasileiros têm seus próprios documentos que orientam o ensino de Arte. O Currículo Referência de Arte para o Estado de São Paulo, por exemplo, destaca a importância da valorização da diversidade cultural, étnico-racial e de gênero nas práticas pedagógicas em Arte.

11. Lei 11.645/2008- criada em 2008: Amplia a abordagem obrigatória das temáticas "história e cultura afro-brasileira" incluindo a questão "indígena" nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, estendendo a valorização da diversidade étnico-racial.

12. Estatuto da Igualdade Racial. Lei n. 12.288. 2010: traz no documento uma seção com destaque à educação, a qual reforça a responsabilidade dos contextos de formação de professores e de instituições do ensino superior a promoverem ações educativas pela igualdade racial.

13. Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – criada em 2017: A BNCC é um documento que estabelece os conhecimentos, competências e habilidades que todos os alunos devem desenvolver ao longo da educação básica no Brasil. Na área de Arte, a BNCC destaca a importância de abordar as diferentes expressões culturais, incluindo as afro-brasileiras, indígenas e de outros grupos étnicos.

14. Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. Currículo da Cidade: Educação Antirracista: orientações pedagógicas: Povos afro-brasileiros - criado em 2017 com versão atualizada datada em 2022: traz uma abordagem educacional que combata o racismo e valorize a cultura afro-brasileira. Com orientações pedagógicas para todas as áreas do conhecimento do ensino sobre os povos afro-brasileiros, garantindo a inclusão e representatividade desses povos na educação formal. Incluindo a história, cultura, contribuições e lutas dos afro-brasileiros, além de estratégias para promover a igualdade racial, o respeito mútuo e a valorização da diversidade étnico-cultural na comunidade escolar.

A professora, ao se posicionar como uma investigadora constante e perceber sua profissão como uma jornada contínua de aprendizado e ampliação de conhecimento, pode facilmente acessar documentos que enriqueceram sua prática pedagógica. Contudo, a aplicação efetiva desses conhecimentos no ambiente escolar demanda estratégias concretas. A proposta pedagógica "A Questão Étnico-Racial como Identidade e Memória: uma proposta de arte em trilhas" surge como uma resposta prática e abrangente.

Esta proposta apresenta trilhas que abordam inicialmente a temática do ensino da cultura Africana e Afro-brasileira por meio de um projeto de longo prazo, alinhando-se integralmente à lei federal 10.639 de 09 de janeiro de 2003. Fundamentada na proposta triangular buscando a identificação e a valorização da memória cultural negra, reverberando no fomento ao respeito pelos negros e seus descendentes.

Dos documentos oficiais, faço o recorte do trecho abaixo, página 17, retirado do Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira – MEC 2004, no título História e Cultura Afro-Brasileira e Africana - Determinações;

A obrigatoriedade de inclusão de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos da Educação Básica trata-se de decisão política, com fortes repercussões pedagógicas, inclusive na formação de professores. Com esta medida, reconhecesse que, além de garantir vagas para negros nos bancos escolares, é preciso valorizar devidamente a história e cultura de seu povo, buscando reparar danos, que se repetem há cinco séculos, à sua identidade e a seus direitos. A relevância do estudo de temas decorrentes da história e cultura afro-brasileira e africana não se restringe à população negra, ao contrário, diz respeito a todos os brasileiros, uma vez que devem educar-se enquanto cidadãos atuantes no seio de uma sociedade multicultural e pluriétnica, capazes de construir uma nação democrática. É importante destacar que não se trata de mudar um foco etnocêntrico marcadamente de raiz europeia por um africano, mas de ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira (MEC, 2004).

Ampliação de repertório cultural, valorização dos povos africanos trazidos contra a vontade, capturados como animais e colocados em navios sem nenhuma condição de transporte com respeito à vida. Escravizados, açoitados, castigados e considerados não seres humanos. Se em 2004 é citado como dívida de 500 anos com os negros, hoje já são 524 anos e até quando essa dívida será procrastinada?

Me fascino cada dia mais pela minha pesquisa, por inúmeros fatores, primeiro porque percebo o quanto fui uma professora falha, alienada, minha herança e identidade Afro-brasileira, e seletiva ao trabalhar por 12 anos com um ensino de uma arte elitizada e branca da Europa, oportunizando aos meus alunos uma curadoria incompleta, vaga e excludente; segundo por sentir minha pesquisa nas minhas veias 24 horas por dia, percebo e me atento às pessoas, cores e falas a minha volta, estou tomada e apaixonada pelo meu objeto de pesquisa. Nunca imaginei o quanto seria prazeroso

me dedicar a algo que se acredita e que pode fazer a diferença em todos os cantos do Brasil e quem sabe do mundo.

A tranquilidade que encontro reside na percepção de que meus erros passados não são apenas aprendizados cruciais para o meu futuro, mas também podem ser compartilhados com outros professores que, como eu, já estiveram presos a uma educação com receita, inflexível e engessada, distantes do conhecimento dialogado, flexível e compartilhado com diversos saberes de vivências diferentes, inclusive na troca com os alunos, um saber anteriormente falso de acreditar que sabiam tudo. Semelhante à Sankofa⁸, símbolo da sabedoria na tradição Adinkra, que nos instiga a olhar para trás de forma a aprender com os erros e não repeti-los no futuro, reconheço a importância de refletir sobre minhas experiências anteriores para evoluir e contribuir positivamente para o cenário educacional.

Sankofa, um dos símbolos mais emblemáticos na tradição Adinkra, não é apenas uma representação gráfica, mas uma expressão rica de valores culturais e filosofia que ecoa através das eras. Originária da cultura Akan, da região da África Ocidental, a palavra "Sankofa" pode ser traduzida como "volte e pegue" em Akan, refletindo a essência da mensagem desse símbolo extraordinário.



Fonte: SANKOFA (2018).

Este símbolo é visualmente representado por um pássaro que avança enquanto olha para trás, com um ovo em sua boca ou em seu dorso. Essa imagem encapsula a ideia fundamental de aprender com o passado para construir um futuro mais sólido. A

⁸ Projeto Sankofa discute as questões e relações étnico-raciais, 10/10 2018 – fonte EPSJV/Fiocruz
<https://portal.fiocruz.br/noticia/projeto-sankofa-discute-questoes-e-relacoes-etnico-raciais>. Acesso em: 15 mar.2022.

abordagem única do Sankofa ressoa especialmente na tradição oral africana, onde as histórias, os provérbios e os símbolos são meios cruciais de transmitir conhecimento e sabedoria.

Ao abraçar o conceito do Sankofa, somos lembrados da importância de compreender e valorizar nossas raízes, tradições e experiências passadas. Nos convida a voltar ao passado não como um ato de nostalgia, mas como uma fonte de aprendizado, uma fonte inesgotável de sabedoria que pode informar e enriquecer nosso presente e moldar o caminho para o futuro.

A filosofia subjacente ao Sankofa tem uma aplicação universal. Na educação, na tomada de decisões e na busca do crescimento pessoal, o Sankofa nos lembra que a reflexão sobre nossas jornadas anteriores é fundamental para o desenvolvimento e a evolução. A capacidade de olhar para trás, compreender nossas origens e experiências, e extrair lições valiosas é o cerne da verdadeira sabedoria.

Assim, o Sankofa não é apenas um símbolo visualmente poderoso, mas uma inspiração contínua para abraçar a aprendizagem contínua, valorizar a riqueza do passado e, assim, moldar um futuro que seja fundamentado na compreensão, na experiência e, acima de tudo, na sabedoria adquirida ao longo do tempo.

3.5 O NEGRO E A NEGRA NA ORGANIZAÇÃO SOCIAL BRANCA

Os ventos sopravam fortes, o som produzido pareciam ser vozes de pavor, medo, seria meus antepassados anunciando o inevitável, o mal agouro, a morte! Senti a pancada e parecia que eu estava inerte, em algo terrível, assombroso. Aos poucos fui abrindo meus olhos, e sentia o movimento contínuo, forte, poderoso que parecia levar meu corpo, nos ouvidos o som das preces misturadas a sussurros e choros, não estava na minha terra, estava sendo roubada do meu povo, da minha gente, da minha família, da minha crença, de mim. (Rizzo, Devaneios, 2023)

Em meus devaneios poéticos literários, trago o trecho acima refletindo sobre a captura e transporte no navio negreiro. Não seria audaciosa ao acreditar que estou transcrevendo algo real, mas busco colocar o meu sentimento com empatia e respeito a todos os negros e negras africanos e africanas que foram capturados, traficados e escravizados em nosso país.

Nas leituras que estou realizando, sinto como se houvesse uma corrida e por inúmeros requisitos impostos pela sociedade dominante, a cor da pele e os traços, fenótipos, faz com que se perca pontos, quanto mais vestígios de miscigenação, de herança cultural não europeia, lhe abandonam. Não importa o quão bom seja em qualquer área, profissão, seja moral ou intelectual, se não for puramente branco, estará sempre ao fim da disputa, desprezado, excluído, julgado, marginalizado. O caminho do negro é sempre mais difícil, mas exigente, mais machucado, mais ferido, invisível e negligenciado.

No desenvolvimento da pesquisa, pensei e ainda penso em vários momentos, como se deu esse branqueamento em nossa sociedade, e compreendo que a colonização pela Coroa Portuguesa, a escravidão e a vinda da família real, da Missão Francesa corroborou para essa desvalorização das heranças da nossa gente, da nossa terra. Mas, e essa concepção da valorização do branco? O trabalho de Lia Vainer Schucman e de Cida Bento, trouxeram muitas respostas para meus questionamentos.

A abordagem de Schucman, em seu livro "Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo" (2020) – Branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo", traz as entrevistas no contexto do que seria o padrão de beleza. Esses relatos transcritos em seus estudos fazem mais sentido agora para mim, quando observo na Escola as meninas negras que possuem o cabelo alisado, sem vestígios de cachos, mais esticados e ou os mais crespos presos, sempre escondidos em coques, com bastante gel e creme. Percebo a necessidade de passarem todos os dias despercebidas ou invisíveis pelos outros, ou escondidos em meio a cremes, géis ou extremamente lisos, atendendo as expectativas impostas pela organização ditatorial social branca. Destaco abaixo o fragmento retirado do livro, página 127:

Dentro das falas dos entrevistados, poderíamos destacar outras inúmeras passagens em que a ideia de belo aparece associada à branquitude. Aqui fica claro que a estética da branquitude é valorizada não apenas por ser uma das diversas estéticas disponíveis em nossa sociedade, mas sim, por ser aquela significada como a 'verdade' do belo e que estabelece uma hierarquia em relação aos brancos. Dessa forma, parece que podemos afirmar que a ideia de superioridade estética é, sim, um dos traços da branquitude em nosso país. (Schucman, 2020, p. 127)

A pressão estética exerce um peso significativo em nossa sociedade contemporânea, marcada por uma inundação incessante de propagandas que promovem produtos e padrões de beleza muitas vezes inatingíveis. Essa ilusão imposta pela cultura consumista, que busca corrigir supostas "imperfeições", frequentemente leva a uma autoestima prejudicada, chegando, em alguns casos, à inexistência.

O processo de cultivar e promover o amor próprio, a admiração pelas características individuais, incluindo os traços raciais distintos, ricos em significado, história, cultura e identidade, torna-se crucial. É imperativo que incentivemos a aceitação de si mesmo, de forma que as expectativas impostas pela sociedade se reduzam a meras expectativas, sem impactar a essência única de cada indivíduo. Dessa maneira, ser quem somos deve ser não apenas um ato de orgulho, mas também uma expressão de valor e amor próprio.

Esse sentimento de inferioridade que os negros, negras, pardos e pardas sentem, que para muitos não passa de "mimimi", ou uma forma de justificar sua falta de vontade e esforço, principalmente em relação ao trabalho, tem uma abordagem muito clara no trabalho de Bento (2022) quando aborda a questão da herança histórica, como descendentes de escravocratas e descendentes de pessoas escravizadas lidam com a herança histórica. Assim como a herança da escravidão carrega impactos negativos para os negros, a herança dos que escravizaram traz impactos positivos para as pessoas brancas, sendo exaltadas como superiores, apresentado no livro *O Pacto da Branquitude* (2022, p.23).

"Fazer falar o silêncio", essa escrita de Bento na página 24 além de poética e sensível, desperta a reflexão para toda a forma velada em relação aos privilégios que os brancos possuem:

O herdeiro branco se identifica com outros herdeiros brancos e se beneficia dessa herança, seja concreta, seja simbolicamente; em contrapartida, tem que servir ao seu grupo, protegê-lo e fortalecê-lo. Este é o pacto, o acordo tácito o contrato subjetivo não verbalizado: as novas gerações podem ser beneficiárias de tudo que foi acumulado, mas têm que se comprometer 'tacitamente' a aumentar o legado e transmitir para as gerações seguintes, fortalecendo seu grupo no lugar de privilégio, que é transmitido como se fosse exclusivamente mérito. E, no mesmo processo, excluir os outros grupos "não iguais" ou não suficientemente mentirosos. (Bento, 2022, p.24,25).

Seria este o momento de origem do preconceito, discriminação e racismo, dando lugar à prática do racismo estrutural? Expressões como "não sou tuas negas", "bora trabalhar que hoje é dia de branco", "você está na minha lista negra", "seu cabelo é ruim" e "vou sentar-me perto daquele neguinho" ilustram uma realidade cotidiana em que o racismo manifesta-se de forma explícita e enraizada.

Ao abordar o tema do racismo, muitos indivíduos declaram-se não racistas, não preconceituosos, sem perceberem que expressões cotidianas como essas são veículos que carregam consigo a essência mais profunda da prática do racismo estrutural. Essas falas, aparentemente inofensivas para quem as falam, revelam a complexa teia de preconceitos e estereótipos que permeiam a sociedade, contribuindo para a manutenção de estruturas discriminatórias enraizadas em nossa cultura. Reconhecer e questionar essas expressões cotidianas é essencial para dismantelar as bases do racismo estrutural e construir uma sociedade mais justa e igualitária.

Schucman e Bento, apresentam reflexões únicas e importantes para a minha pesquisa, compreender de um lado esse pacto da branquitude e do outro como é ser negro com a cobrança de atender as expectativas da organização social branca. Estas obras contribuíram para que eu uma mulher parda, não sentisse a dor do racismo, mesmo que na escola eu recebesse apelidos de "beijuda, beijo, beirão" que faz com que hoje, com 42 anos ainda não use batom para não evidenciar essa minha herança negra, herdada de meu pai. Me feriu, me machucou. Pelo cabelo cacheado, usei por anos técnicas de alisamento do cabelo, progressivas, que hoje com orgulho e com uma filha com cabelos crespos, não aliso mais, para juntas termos autoestima e orgulho de termos estes traços raciais característicos. Mas a sociedade não é gentil, não acolhe, não inclui. O que são meus traços raciais de orgulho dessa miscigenação? São traços que nos proporciona em muitos momentos o sentimento de ser feia, inadequada, não aceita a um padrão que reafirma que todos devem ser iguais e brancos claro.

No Pequeno Manual Antirracista, de Djamila Ribeiro⁹, no texto Reconheça os Privilégios da Branquitude ela aborda a falta de reflexão por parte das pessoas brancas sobre o significado de pertencer a esse grupo racial, destacando como o debate racial muitas vezes se concentra na negritude. Ela ressalta que a ausência ou a baixa representação de pessoas negras em posições de poder não costuma surpreender ou incomodar as pessoas brancas, enfatizando a importância de questionar e mudar essa realidade. A autora destaca a necessidade de as pessoas brancas reconhecerem seus privilégios, evitando a naturalização ou atribuição exclusiva ao esforço pessoal. O processo de perceber-se é apresentado como transformador, permitindo a compreensão dos privilégios e responsabilidades diante das injustiças sociais. A discussão aborda também a estrutura de poder construída historicamente, que confere privilégios raciais, e destaca a importância de considerar outras intersecções além do privilégio racial. Djamila Ribeiro enfatiza que o racismo é uma problemática branca, argumentando que a branquitude deve se responsabilizar pela criação e perpetuação desse sistema. A autora destaca que a responsabilidade, diferentemente da culpa, leva à ação, encorajando as pessoas brancas a desnaturalizar o olhar condicionado pelo racismo e a criarem espaços acessíveis a pessoas negras. (Ribeiro, 2019, p. 31 a 36)

O racismo, sob a análise de Djamila Ribeiro, transcende o âmbito individual e se insere nas estruturas sociais e institucionais, impactando a vida de milhões de brasileiros negros. Sua escrita instiga a desconstrução de estereótipos e evidencia a necessidade urgente de uma sociedade mais igualitária e justa, sendo esta possível se existir debate, conversa, entendimento. A educação é o caminho para a libertação das amarras da opressão.

Qual o lugar da mulher negra? Na obra Lugar de Fala, no capítulo Mulher Negra: o outro do outro, especialmente destacando a pág. 40 e 41 dois trechos, sendo o primeiro: que aborda que se as mulheres negras estão em um local onde existe uma maior vulnerabilidade social que são frutos das desigualdades produzidas por essa

⁹ Djamila Ribeiro é uma destacada filósofa, escritora e ativista brasileira, cujo trabalho notável abrange os campos dos estudos de gênero, feminismo e questões raciais. Nascida em 1980, obteve o título de mestra em Filosofia Política pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Sua atuação abrangente inclui a docência, palestras e colaborações como colunista em diversos veículos de mídia.

mesma sociedade que diz ter políticas sociais para todos, porém ao mesmo tempo essas políticas públicas não direcionam seus esforços atentos para essas mulheres, a situação dessas fica mais difícil como Djamila enfatiza: “Melhorar o índice de desenvolvimento humano de grupos vulneráveis deveriam ser entendido como melhorar o índice de desenvolvimento humano de uma cidade, de um país”. O segundo trecho é sobre nomear, as feministas negras afirmam que se não nomear a realidade, é como se não existissem, e assim não podem ser pensadas, vistas como um problema e assim buscar melhorias, seguem na invisibilidade. “A insistência em falar de mulheres como universais, não marcando as diferenças existentes, faz com que somente parte desse ser mulher seja visto.” – pág. 4. O lugar da mulher negra é no mesmo lugar que a mulher branca tem direito, pois direito não tem etnia, cultura ou crença, tem a ver com respeito.

Seu engajamento como ativista e intelectual tem contribuído significativamente para a conscientização e mobilização social contra o racismo estrutural no Brasil. A obra de Djamila Ribeiro não apenas analisa criticamente o problema, mas também propõe caminhos para uma transformação efetiva e inclusiva da sociedade.

Identidade, memória, herança cultural, traços raciais – são esses elementos que moldam e constroem a complexa teia que compõe a nossa essência. É hora de transcender a negação, a invisibilidade, o silêncio velado. É tempo de abandonar a estatística, de não ser apenas mais um excluído uma excluída, discriminado e discriminada, para nos tornarmos pessoas negras orgulhosas de nossos antepassados. Cada gota de sangue, cada batalha e cada dor contribuíram para a formação deste povo brasileiro diverso e único.

4 A PROPOSTA PEDAGÓGICA – A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

A proposta pedagógica "A Questão Étnico-Racial como Identidade e Memória: Uma Proposta de Arte em Trilhas" apresenta um trabalho elaborado para a sala de aula, destinado preferencialmente ao professor e a professora de Arte, onde possa trabalhar de forma livre com autonomia e também de forma interdisciplinar. O foco da proposta reside na abordagem dos estudos artísticos e culturais, muitas vezes invisíveis, da cultura africana e afro-brasileira. O principal objetivo é ampliar o repertório cultural dos alunos, promovendo uma compreensão mais profunda e uma identificação mais consciente com muitos aspectos culturais familiares à nossa nação.

O pensar em trabalhar com cartões, surgiu após cursar a disciplina do mestrado do professor doutor Pio e professor doutor Sidiney. Em uma das aulas foi apresentado o Jogo criado pelo professor Pio, onde foi possível explorar toda a dinâmica e me fascinar pela metodologia abordada pelo professor. Foi nestas aulas, que pensei em usar cartões para iniciar a minha proposta pedagógica aqui apresentada.

Ao refletir sobre a proposta, questiono: quantas vezes rotulamos erroneamente nossos vizinhos, movidos pela ignorância sobre suas práticas culturais? Será que, por falta de conhecimento, associamos negativamente as expressões religiosas e musicais de outros? Como professora educadora de Arte, pesquisadora e mulher negra com pele clara, sinto a responsabilidade de retirar meus alunos da ignorância, da auto rejeição e abrir suas mentes para o conhecimento e a educação.

Essa transformação na abordagem educacional emerge como um passo crucial na superação de preconceitos, promovendo a compreensão mútua e contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e respeitosa.

4.1 TRILHA I – CARTÕES DE CONHECIMENTO E CARTÕES DE RECONHECIMENTO

As trilhas se iniciam com cartões, sendo um total de 40, que como um bate papo coletivo, buscam investigar o conhecimento e reconhecimento dos alunos em relação a representatividade de pessoas negras em cargos ou posições relacionadas a vários aspectos e espaços da sociedade e ao meio onde vive, como age e reage com as outras pessoas, inclusive pardas, negros e negras. Os cartões foram pensados para um momento que vai além das questões do racismo estrutural.

Os cartões foram criados e elaborados por mim no site Canva¹⁰, um ambiente virtual que disponibiliza recursos visuais digitais, com um banco de acesso muito vasto de imagens, fontes de letras e elementos que auxiliam na elaboração de materiais audiovisuais principalmente. Neste ambiente digital é possível preparar matérias como slides animados para aulas. Os cartões são impressos em papel fotográfico e depois plastificados, não possuem frente apenas verso, tendo em sua totalidade medidas de 10 cm x 10 cm.

Como jogar? A turma é organizada em um grande círculo, que pode ser dentro da sala de aula ou um espaço mais arejado, como pátio, jardim ou se houver a permissão da escola em um parque próximo. O grande círculo organizado, os cartões são distribuídos aleatoriamente e assim que todos os alunos tiverem um cartão em mãos, o professor inicia explicando que um aluno lê a pergunta do cartão, se este mesmo aluno souber responder, este o fará, caso contrário, outro colega pode responder, caso nenhum aluno consiga responder a pergunta é anotada na lousa, para discussão e respostas. Ao final do jogo os alunos e professor/professora irão conversar sobre o que foi essa atividade. Levando todo o grupo a refletir sobre nossos conhecimentos sobre a história e cultura Africana e Afro brasileira. Vejamos como foram pensados os cartões:

¹⁰ Canva é uma plataforma de design gráfico que permite aos usuários criar gráficos de mídia social, apresentações, infográficos, pôsteres e outros conteúdos visuais. Está disponível online e em dispositivos móveis e integra milhões de imagens, fontes, modelos e ilustrações.

4.1.1 Cartões de Conhecimento



Fonte o próprio autor

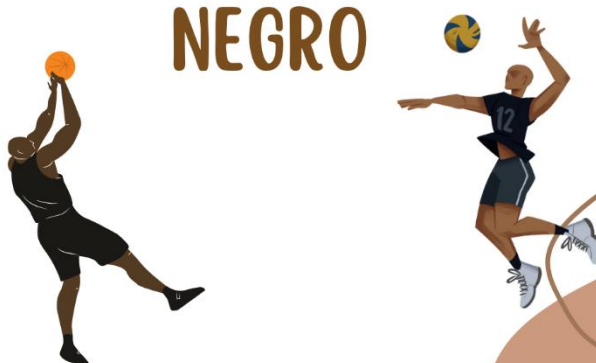
A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E MEMÓRIA:
UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

FALE O NOME DE UMA ATLETA NEGRA



A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E MEMÓRIA:
UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

FALE O NOME DE UM ATLETA NEGRO



Fonte o próprio autor

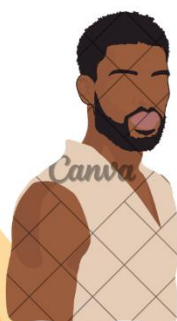
A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E MEMÓRIA:
UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

DIGA O NOME DE UMA MODELO NEGRA



A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E MEMÓRIA:
UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

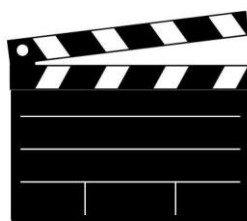
DIGA O NOME DE UM MODELO NEGRO



Fonte o próprio autor

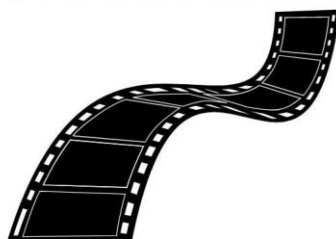
A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E MEMÓRIA:
UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

DIGA O NOME DE UM FILME COM PROTAGONISTA NEGRO



A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E MEMÓRIA:
UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

DIGA O NOME DE UM FILME COM PROTAGONISTA NEGRA



Fonte o próprio autor

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E MEMÓRIA:
UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

DIGA O NOME DE UM APRESENTADOR NEGRO



A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E MEMÓRIA:
UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

DIGA O NOME DE UMA APRESENTADORA NEGRA



Fonte o próprio autor

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E MEMÓRIA:
UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

DIGA O NOME DE UM ATOR NEGRO



A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E MEMÓRIA:
UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

DIGA O NOME DE UMA ATRIZ NEGRA



Fonte o próprio autor

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E MEMÓRIA:
UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

DIGA O NOME DE UMA CANTORA NEGRA



A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E MEMÓRIA:
UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

DIGA O NOME DE UM CANTOR NEGRO



Fonte o próprio autor

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E MEMÓRIA:
UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

DIGA O NOME DE UM ESCRITOR NEGRO



A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E MEMÓRIA:
UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

DIGA O NOME DE UMA ESCRITORA NEGRA



Fonte o próprio autor

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E MEMÓRIA:
UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

DIGA O NOME DE UMA ARTISTA PLÁSTICA NEGRA



A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E MEMÓRIA:
UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

DIGA O NOME DE UM ESCULTOR NEGRO



Fonte o próprio autor

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E MEMÓRIA:
UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

DIGA O NOME DE UMA PERSONALIDADE POLÍTICA NEGRA



A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E MEMÓRIA:
UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

DIGA O NOME DE UM ARTISTA PLÁSTICO NEGRO



Fonte o próprio autor

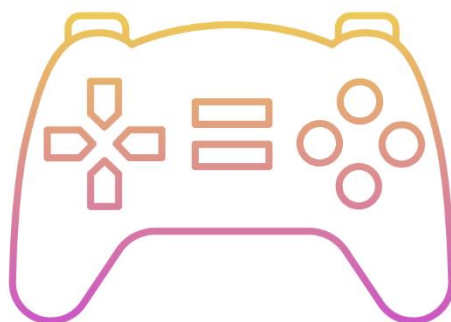
A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E MEMÓRIA:
UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

**DIGA O NOME DE UM PERSONAGEM DE
JOGO NEGRO**



A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E MEMÓRIA:
UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

**DIGA O NOME DE UMA PERSONAGEM DE
JOGO NEGRA**



Fonte o próprio autor

4.1.2 Cartões de Conhecimento Cultural Africano e Afro brasileiro

Estes cartões trarão para a professora/professor a percepção e verificação de quais conhecimentos culturais Africanos e Afro brasileiros que os alunos possuem. Se existe um domínio por parte de suas origens ou total desinformação sobre a história e cultura africana e afro-brasileira dos povos que formaram nosso país.



Fonte o próprio autor

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E MEMÓRIA:
UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

**DIGA O NOME DE UMA DANÇA TÍPICA DE
ORIGEM AFRICANA**

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E MEMÓRIA:
UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

**DIGA O NOME DE UMA RELIGIÃO
AFRICANA**



Fonte o próprio autor

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E MEMÓRIA:
UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

DIGA O NOME DE UMA COMIDA TÍPICA DE ORIGEM AFRICANA



A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E MEMÓRIA:
UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

DIGA O NOME DE UM INSTRUMENTO MUSICAL DE ORIGEM AFRICANA



Fonte o próprio autor



A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E MEMÓRIA:
UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

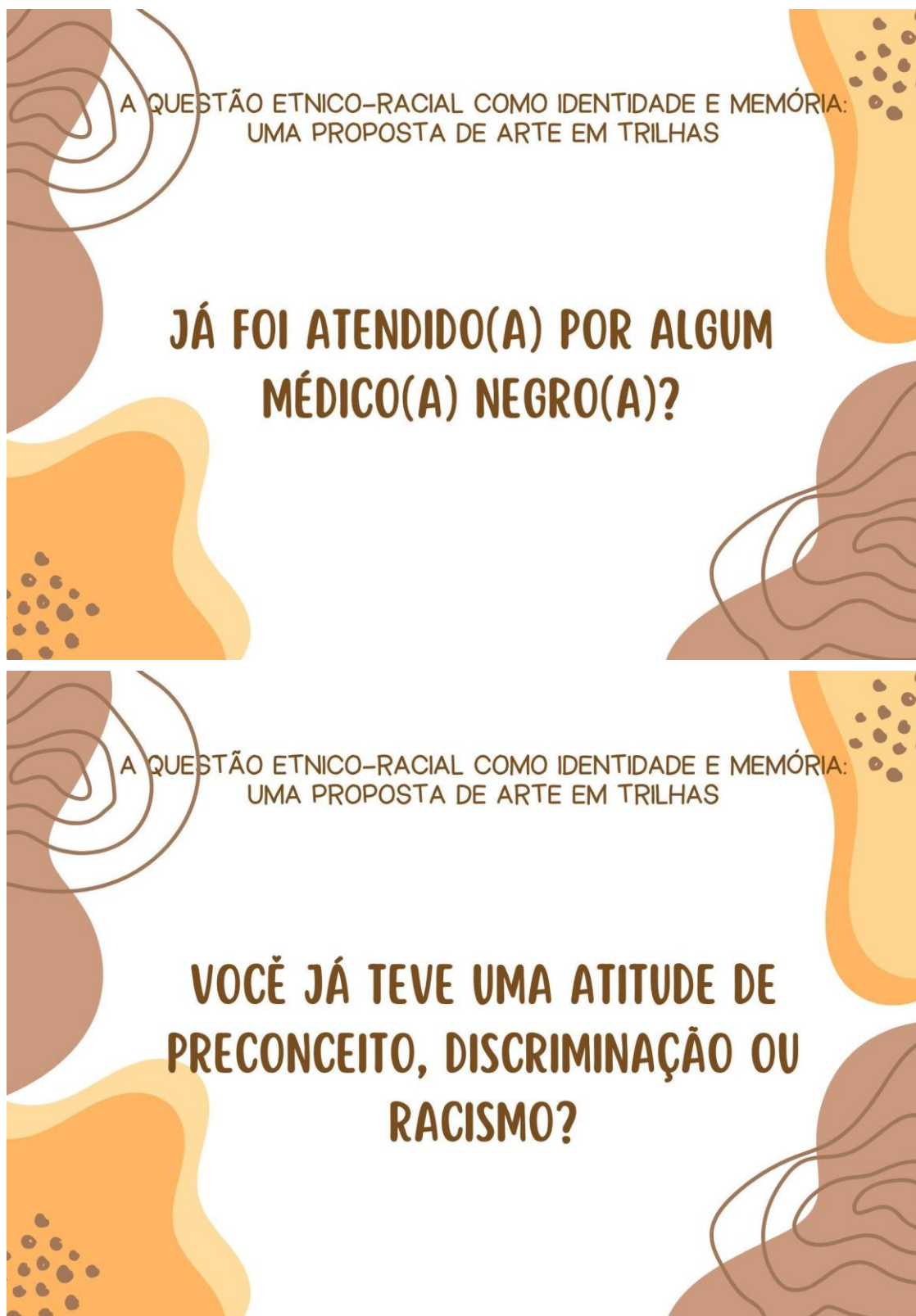
**DIGA O NOME DE UMA BRINCADEIRA DE
ORIGEM AFRICANA.**



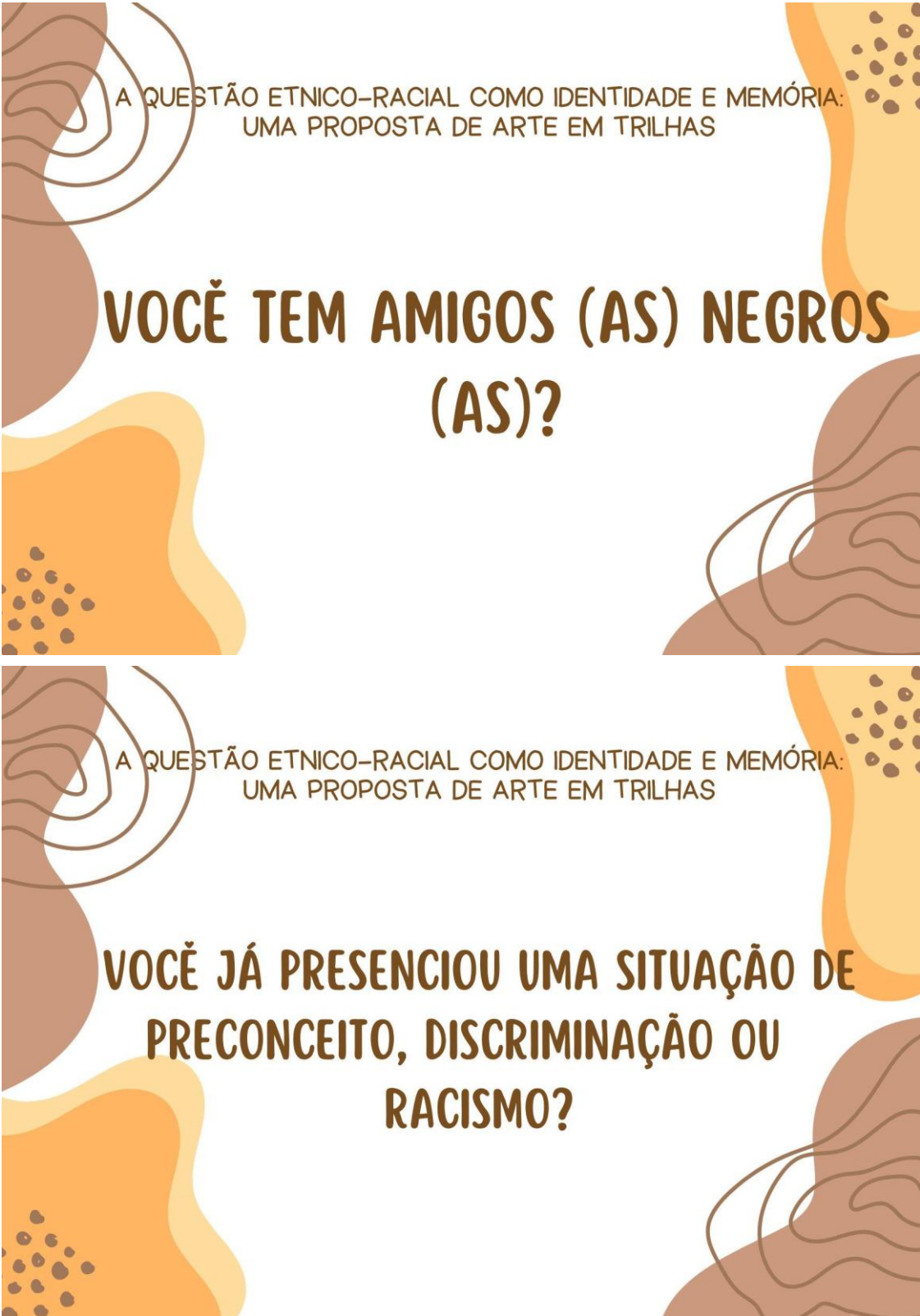
A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E MEMÓRIA:
UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

**DIGA O NOME DE UM BRINQUEDO DE
ORIGEM AFRICANA.**

4.1.3 Cartões de Reconhecimento



Fonte o próprio autor



A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E MEMÓRIA:
UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

**VOCÊ TEM AMIGOS (AS) NEGROS
(AS)?**

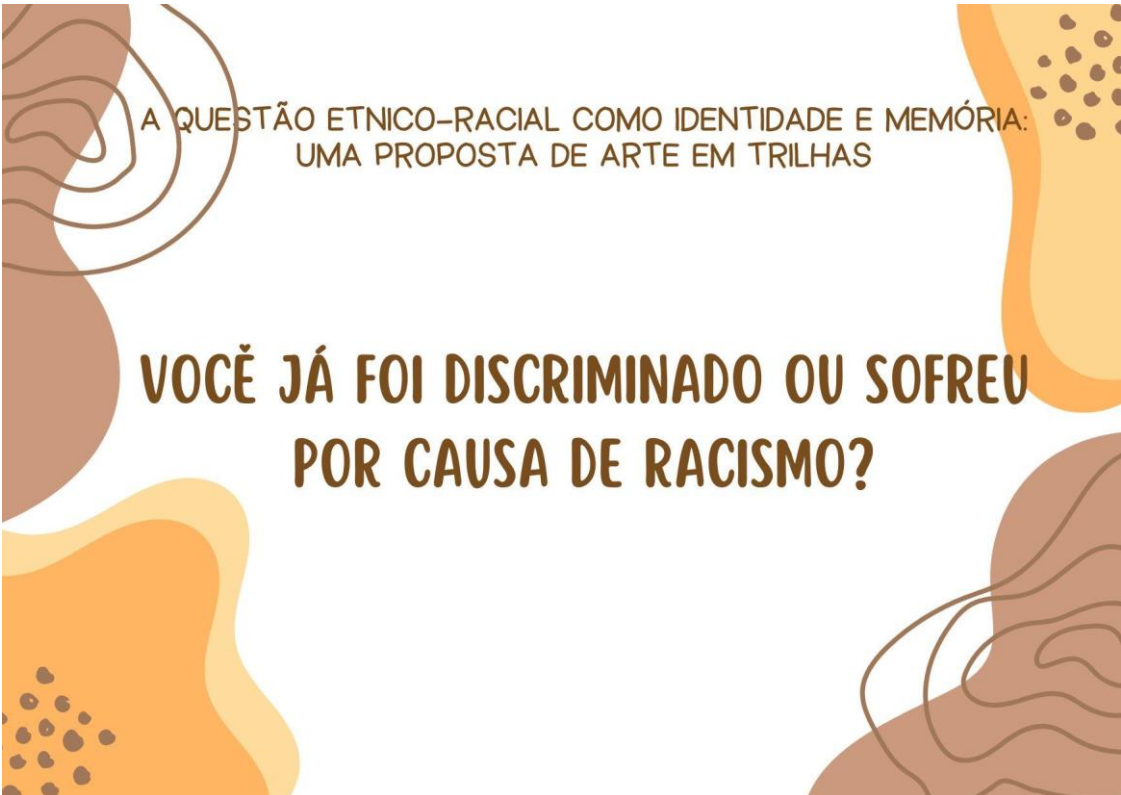
A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E MEMÓRIA:
UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

**VOCÊ JÁ PRESENCIOU UMA SITUAÇÃO DE
PRECONCEITO, DISCRIMINAÇÃO OU
RACISMO?**



A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E MEMÓRIA:
UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

**CONHECE ALGUÉM QUE JÁ SOFREU COM O
RACISMO?**



A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E MEMÓRIA:
UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

**VOCÊ JÁ FOI DISCRIMINADO OU SOFREU
POR CAUSA DE RACISMO?**

Fonte o próprio autor

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E MEMÓRIA:
UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

**QUAIS PROFISSIONAIS SÃO NEGROS E
NEGRAS NA NOSSA ESCOLA?**

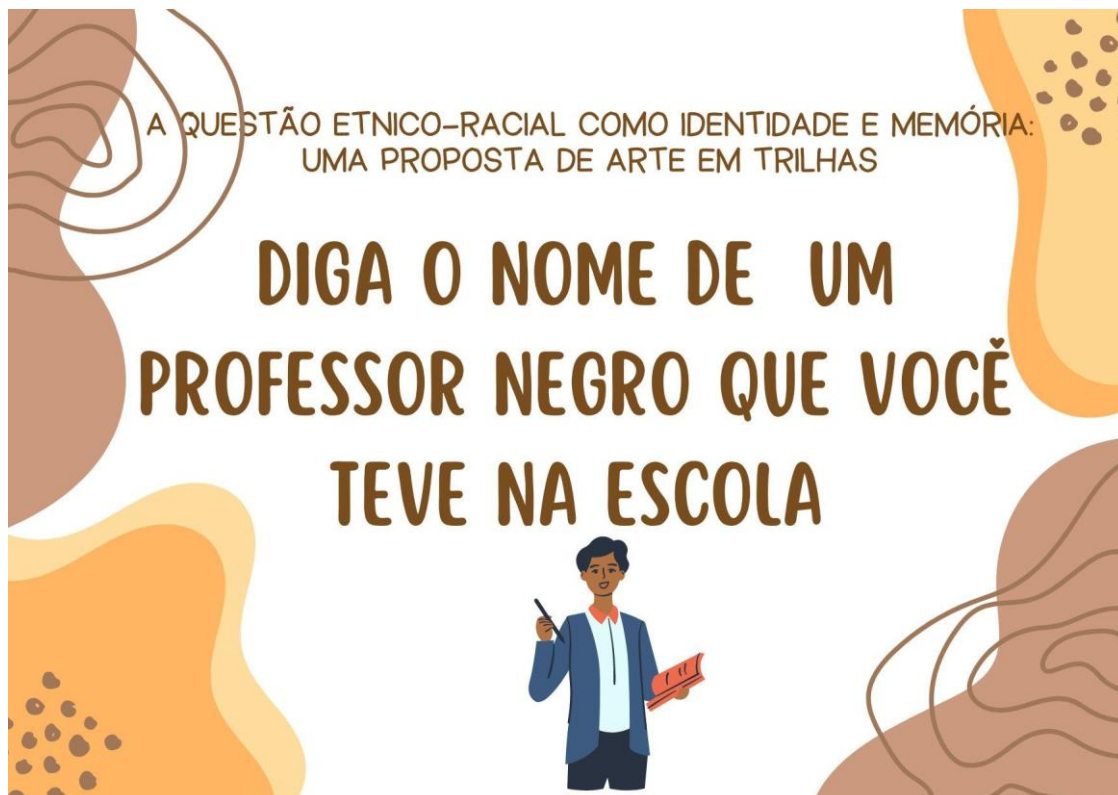
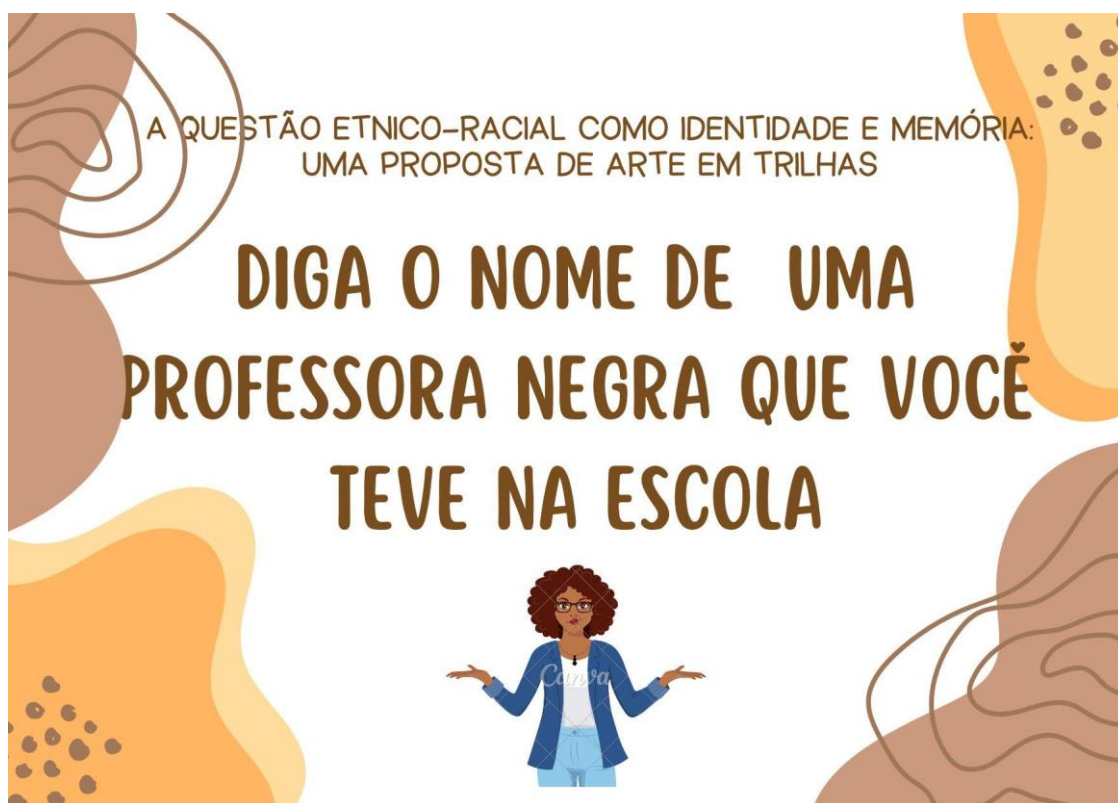


A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E MEMÓRIA:
UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

**QUANTOS ALUNOS (AS) SÃO NEGROS (AS)
NA NOSSA TURMA?**



Fonte o próprio autor



Como visto acima os cartões são separados em 3 blocos: cartões de conhecimentos, conhecimentos culturais afro brasileiros e cartões de Reconhecimento; por meio de questionamentos que buscam abranger a representatividade dos negros e negras em nossa sociedade, citando nomes de profissionais de ambos os sexos, como atletas, repórteres, atores, políticos, escritores, artistas plásticos e bem como identificar ter amigos pretos e pretas, professores e professoras e funcionários no ambiente escolar pretos e pretas, outros levam ao conhecimento das culturas afro-brasileiras como as religiões de matriz africana, danças africanas, brinquedos, instrumentos musicais e esportes e em outros cartões o Reconhecimento referentes a questões sobre atitudes racistas ou de preconceitos – racismo estrutural, ter sofrido algum tipo de preconceito ou discriminação, ter presenciado algum ato deste tipo entre outros, totalizando 40 cartões, que dependendo da quantidade de alunos pode ser utilizada por todos os alunos ou não, ressalto que o professor tem total autonomia para organizar da melhor forma possível a utilização da quantidade dos cartões.

4.2 TRILHA II – CARTÕES REFLEXIVOS – INTERPRETANDO OS TAIS DIZERES QUE ‘TODO MUNDO FALA’

A segunda trilha da proposta pedagógica "A Questão Étnico-racial como Identidade e Memória: uma Proposta de Arte em Trilhas" destaca a problemática enfrentada nas salas de aula e nos ambientes escolares relacionada ao bullying, expressões racistas e preconceito direcionado aos alunos negros, pretos e pardos. Esta trilha visa aprofundar a análise dessas expressões presentes em nosso vocabulário e no cotidiano de todos os brasileiros. As falas naturalizadas e perpetuadas por todos como algo natural, normal falar, pois Todo Mundo Fala!

Dar um basta nestas atitudes! O objetivo da trilha II com os cartões reflexivos é justamente essa. Ao abordar esses temas relacionados a preconceitos com os alunos, proporcionamos uma compreensão mais ampla da estrutura do racismo, que se revela como um conjunto intrincado de discursos, hábitos e situações que, de forma direta ou indireta, alimentam o preconceito e a discriminação. Destaca-se a importância de conscientizar a comunidade escolar sobre a gravidade dessas expressões, as quais,

embora enraizadas em nossa cultura, não podem ser ignoradas, pois representam manifestações práticas do racismo e da discriminação.

Nesse contexto, a trilha busca não apenas analisar as expressões racistas, mas também fornece ferramentas e estratégias para lidar com tais questões dentro do ambiente escolar, promovendo um espaço mais inclusivo, respeitoso e seguro para todos os alunos, independentemente de sua origem étnico-racial.

Os participantes podem ser divididos em pares para que um tenha a expressão e o outro a interpretação, e organizados em uma formação de roda, fora do layout padrão da sala de aula, fileira um atrás do outro, tendo apenas para a nuca do colega a frente. Esses cartões são distribuídos aleatoriamente, e conforme o primeiro cartão é apresentado, contendo a expressão, o aluno que acredita ter correspondente à expressão lê o conceito em voz alta. Esse momento de intercâmbio de conhecimento não apenas proporciona uma troca valiosa entre os participantes, mas também serve como uma oportunidade significativa para auto avaliação, incentivando-os a refletir sobre se já ouviram ou até usaram a expressão anteriormente, em que contexto ela é utilizada e como ela se manifesta em seu entorno.

Durante essa dinâmica, os alunos são convidados a explorar as nuances da prática de racismo, muitas vezes apresentadas como uma fala natural do dia a dia, destacando a importância de questionar a naturalização de expressões prejudiciais comuns, como o pensamento de se "todo mundo fala" não tem problema eu também falar. Este é um momento propício para os alunos expressarem seus sentimentos, resolverem conflitos e até mesmo identificarem se já tomaram atitudes que poderiam ser consideradas preconceituosas, discriminatórias e racistas, levando a compreender o racismo estrutural no nosso ambiente escolar.

Além de proporcionar um espaço para falar, refletir e desabafar, a questão fundamental surge: "O que faremos agora? Como podemos deixar de ser tudo isso que foi classificado acima?" A trilha proposta não apenas busca abordar os desafios, mas também oferecer estratégias e ferramentas para orientar os alunos na construção de um ambiente mais inclusivo.

Ao proclamar "Sejamos todos antirracistas", na obra *Pequeno Manual Antirracista* do ano 2019, Djamila Ribeiro (2019) nos desafia a transcender a passividade, o silêncio e a omissão e a adotar uma abordagem proativa na desconstrução das estruturas discriminatórias que permeiam nossa sociedade. Essa chamada à ação implica mais do que uma mera rejeição do racismo; ela nos convoca a sermos agentes ativos na promoção da inclusão e da equidade que é proporcionar a todos o mesmo mas dentro de suas especificidades.

O livro destaca que ser antirracista é um compromisso diário, não algo com data em calendário de eventos, um processo contínuo de autoeducação e reflexão sobre nossos próprios preconceitos internalizados. Ribeiro nos encoraja a questionar, aprender, construir, desconstruir e desaprender constantemente, reconhecendo a importância de sermos aliados e defensores da igualdade racial.

Portanto, diante do desafio lançado por Djamila Ribeiro (2019), ser antirracista transcende as palavras; é um convite para a prática ativa da empatia, da solidariedade e do comprometimento na construção de uma sociedade verdadeiramente justa e igualitária. É adotar uma postura de responsabilidade coletiva, reconhecendo que somente através da colaboração e da conscientização podemos superar as barreiras do racismo e construir um futuro mais inclusivo para todos.

Através dessa abordagem reflexiva, a trilha visa não apenas conscientizar, mas também capacitar os alunos a conviverem de maneira mais respeitosa e harmoniosa, estimulando a mudança de atitudes para construir uma comunidade escolar mais positiva e inclusiva.

No livro *"Pequeno Manual Antirracista"* de Djamila Ribeiro (2019), aborda a contradição presente na sociedade brasileira, onde a maioria reconhece a existência do racismo, mas reluta em se autodeclarar racista. A autora destaca que a compreensão do racismo como um sistema estruturante da sociedade revela a impossibilidade de escapar de suas influências, dada a criação em uma sociedade racista. Ribeiro aponta que o racismo muitas vezes se manifesta de maneiras sutis e imperceptíveis, como na ausência de representatividade negra na produção

cinematográfica ou no silêncio complacente diante de piadas racistas. A luta contra o racismo é descrita como um processo longo e doloroso, exigindo a conscientização constante das próprias atitudes e a disposição para enxergar privilégios. A autora destaca a importância de pesquisar obras produzidas por pessoas negras e a responsabilidade compartilhada, ressaltando a necessidade de ações concretas, como promover a inclusão de histórias africanas no ensino. Ribeiro conclui enfatizando que, apesar dos avanços, não se deve contentar com pouco e a luta antirracista deve persistir.

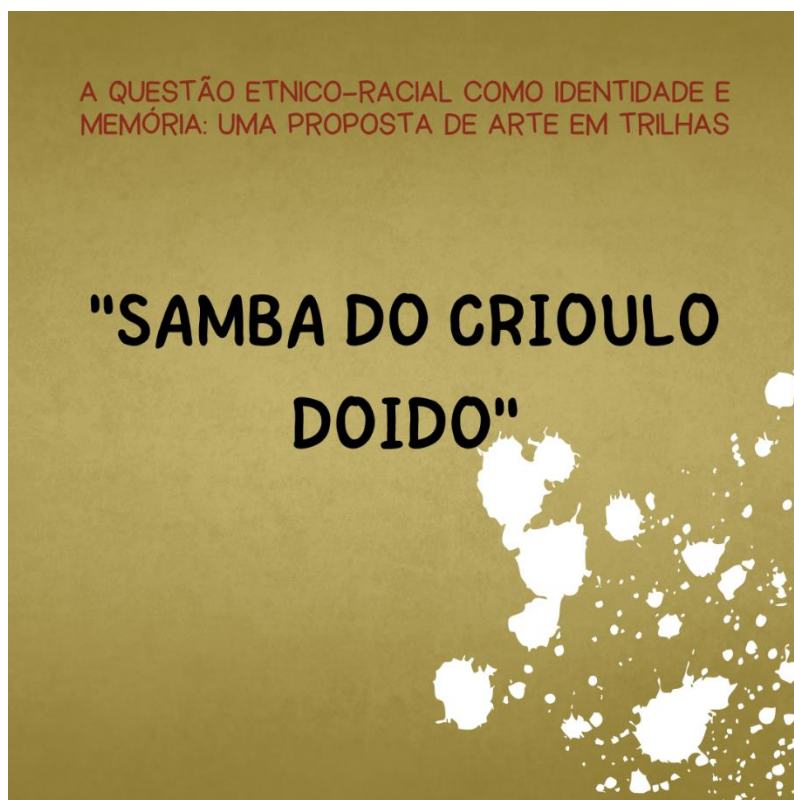
No trecho "Enxergue a Negritude" do livro "Pequeno Manual Antirracista" Djamila Ribeiro (2019, p.23), a autora compartilha suas experiências desde a infância, destacando como a vida escolar se tornou um divisor de águas ao perceber que ser negra era visto como um problema pela sociedade. Ela relata os xingamentos e estereótipos racistas que começou a enfrentar, levando-a a questionar sua autoestima e a se adaptar para passar despercebida. Ribeiro discute a falta de reflexão sobre o tema do racismo na sociedade, ressaltando que, muitas vezes, pessoas brancas compactuam com a violência racial mesmo sem perceber. A autora aborda experiências pessoais de condescendência e estereótipos associados à sua identidade racial, ser associada sua condição de negra a forma de trabalho como copeira, faxineiras em locais em que ela era uma hóspede como as demais pessoas do local, destacando como elogios podem muitas vezes significar condescendência. Djamila Ribeiro também menciona a importância de iniciativas que promovem a visibilidade negra nas artes, como o Teatro Experimental do Negro e a série Cadernos Negros, sublinhando que tais projetos contribuem para o aprendizado sobre a negritude. O trecho encerra com a ênfase da necessidade de reconhecer as diferenças raciais e falar abertamente sobre a negritude e a branquitude, rejeitando a ideia de "não ver cor" como uma justificativa para segregação e opressão.

Esses cartões também foram criados e elaborados por mim no site Canva¹¹, um ambiente virtual que disponibiliza recursos visuais digitais, com um banco de acesso muito vasto de imagens, fontes de letras e elementos que auxiliam na elaboração de

¹¹ Canva é uma plataforma de design gráfico que permite aos usuários criar gráficos de mídia social, apresentações, infográficos, pôsteres e outros conteúdos visuais. Está disponível online e em dispositivos móveis e integra milhões de imagens, fontes, modelos e ilustrações.

materiais audiovisuais principalmente. Neste ambiente digital é possível preparar matérias como slides animados para aulas. Os cartões são impressos em papel fotográfico e plastificados, não possuem frente apenas verso, tendo em sua totalidade as medidas de 10cm x 10cm.

Vejamos como foram pensados os cartões, sendo eles pares:



A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E
MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

Título de samba que satirizava o ensino de História do Brasil nas escolas do país nos tempos da ditadura, composto por Sergio Porto (ele assinava com o pseudônimo de Stanislaw Ponte Preta). No entanto, a expressão debochada, que significa confusão ou trapalhada, reafirma um estereótipo e a discriminação aos negros.

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E
MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

“Não sou tuas negas”

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E
MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

A mulher negra como “qualquer uma” ou “de todo mundo” indica a forma como a sociedade a percebe: alguém com quem se pode fazer tudo. Escravizadas negras eram literalmente propriedade dos homens brancos e utilizadas para satisfazer desejos sexuais, em um tempo no qual assédios e estupros eram ainda mais recorrentes. Portanto, além de profundamente racista, o termo é carregado de machismo.

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E
MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

"FEITO NAS COXAS"

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E
MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

**A origem da expressão popular
"feito nas coxas" deu-se na época
da escravidão brasileira, onde as
telhas eram feitas de argila,
moldadas nas coxas de
escravizados.**

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E
MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

**"MACUMBEIRO/GALINHA
DE MACUMBA/CHUTA QUE
É MACUMBA"**

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E
MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

**Expressão que discrimina as (os)
praticantes de religiões de
matriz africana.**

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E
MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

**"CABELO RUIM OU
CABELO DURO"**

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E
MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

**São falas racistas mais usadas,
principalmente na fase da infância,
pelos colegas. No entanto, elas se
perpetuam até a vida adulta. Falar
mal das características dos cabelos
Afro também é racismo.**

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E
MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

"CRIADO-MUDO"

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E
MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

O nome do móvel que geralmente é colocado na cabeceira da cama vem de um dos papéis desempenhados pelos escravizados dentro da casa dos senhores brancos: o de segurar as coisas para seus "donos". Como o empregado não poderia fazer barulho para atrapalhar os moradores, ele era considerado mudo. Logo essa expressão se refere a esses criados.

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E
MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

"DOMÉSTICA"

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E
MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

**Domésticas eram as mulheres negras
que trabalhavam dentro da casa das
famílias brancas e eram consideradas
domesticadas. Isso porque os negros
eram vistos como animais e por isso
precisavam ser domesticados através
de tortura.**

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E
MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

**"NASCEU COM PÉ NA
COZINHA/SENZALA"**

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E
MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

Expressão que faz associação com as origens. "Ter o pé na cozinha" é literalmente ter origens negras. A mulher negra é sempre associada aos serviços domésticos, já que as pessoas escravizadas podiam ficar dentro da casa grande na parte da cozinha, onde, inclusive, dormiam no chão, ou afirmar que a pessoa tem origem negra.

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E
MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

"BARRIGA SUJA"

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E
MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

**Outro termo que faz relação à
origem é usado quando a mulher
tem um filho negro. Se ela teve
um filho negro, algo impuro -
como uma "barriga suja" -
explica esse fato.**

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E
MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

"NHACA"

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E
MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

**Desde o português do Brasil Colônia,
vem sendo usada para referir-se ao
mal cheiro, forte odor, no entanto
inhaca é uma Ilha de Maputo, em
Moçambique, onde vivem até hoje os
povos Nhacas, um povo Ban.**

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E
MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

"INVEJA BRANCA"

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E
MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

**Mais uma expressão que
associa o negro ao
comportamento negativo.
Inveja é algo ruim, mas se ela
for branca é suavizada.**

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E
MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

"CRIOULO/NEGÃO"

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E
MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

**Era a designação do filho de
pessoas escravizadas, é um
termo extremamente pejorativo
e discriminador do indivíduo
negro ou afrodescendente.**

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E
MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

**"AMANHÃ É DIA DE
BRANCO"**

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E
MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

Essa expressão tem muitas explicações. De acordo com estudiosos e por explicações do senso comum, tal afirmação foi criada com alusão ao uniforme da marinha.

Outra justificativa para a declaração é feita com menção a nota de mil cruzeiros, que possuía a estampa do Barão do Rio Branco e, portanto, usava trajes brancos.

Resumindo, dizer que o dia posterior é "de branco" significa que é um dia de trabalho ou de ganhar dinheiro. Mas sabe-se que tal dito popular foi ganhando sentidos preconceituosos, uma maneira de demonstrar a "inferioridade dos negros"

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E
MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

**"TEM CAROÇO NESSE
ANGU"**

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E
MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

A expressão possui origem em um truque realizado pelos escravizados para melhor se alimentarem. Quando o prato era composto de angu de fubá, o que acontecia com frequência. A escravizada que lhes servia, por vezes, conseguia esconder um pedaço de carne ou alguns torresmos embaixo do angu.

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E
MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

**"MERCADO NEGRO/MAGIA
NEGRA, LISTA NEGRA E
OVELHA NEGRA"**

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E
MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

**Entre outras inúmeras
expressões em que a palavra
"negro" representa algo
pejorativo, prejudicial, ilegal.**

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E
MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

"DISPUTAR A NEGA"

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E
MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

**Possui uma origem não só na
escravização, como também na
misoginia e no assédio. Quando os
“senhores” ganhavam algum esporte
ou jogo, o prêmio era uma
escravizada negra.**

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E
MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

"SERVIÇO DE PRETO"

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E
MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

**Mais uma vez a palavra preto
aparece como algo ruim. Desta vez,
representa uma tarefa mal feita,
realizada de forma errada, em uma
associação racista ao trabalho que
seria realizado pelo negro.**

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E
MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

**"PRETO DE ALMA
BRANCA"**

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E
MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

**Tentativa de elogiar uma pessoa
preta fazendo referência à
dignidade dela como algo
pertencente apenas às pessoas
brancas.**

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E
MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

"A COISA TÁ PRETA"

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E
MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

**A fala racista se reflete na
associação entre “preto” e uma
situação desconfortável,
desagradável, difícil, perigosa.**

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E
MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

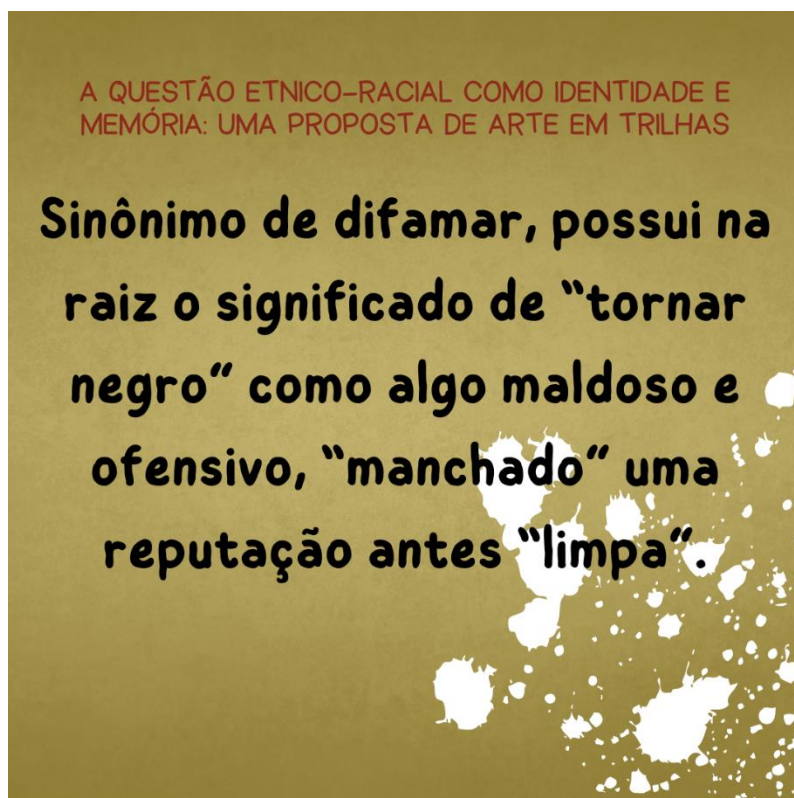
"COR DE PELE"

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E
MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

**A expressão ficou conhecida para
descrever a cor rosa-claro, fazendo
referência à pele de pessoas brancas.
Porém, como já é sabido, não existe
apenas uma cor de pele, vivemos uma
sociedade mista e plural. Melhor falar:
"rosa-claro" ou "bege" para se referir a
cor do lápis de cor.**

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E
MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS

"DENEGRIR"



Fonte o próprio autor

4.3 TRILHA III – QUEM SOU EU?

Esta trilha não possui cartão, a professora/professor, irá conduzir a trilha em torno do contexto da ancestralidade, da identidade, memória, resgate familiar. Nesta trilha Quem sou eu?, os estudos levam também ao contexto de herança e patrimônio material e imaterial.

A terceira trilha, intitulada "Quem Sou Eu", essa trilha busca investigar a árvore genealógica da família, buscar as raízes, os descendentes, as heranças culturais e memórias, que vai nos levar às heranças sejam matérias e imateriais. Dentro destes conceitos, será abordado de maneira elucidativa o que é primeiramente patrimônio cultural, patrimônio material e imaterial, oferecendo aos alunos uma compreensão mais clara desses elementos.

O patrimônio cultural abrange duas dimensões fundamentais: o patrimônio material e o patrimônio imaterial. O patrimônio material refere-se a bens tangíveis, como

construções, objetos, documentos e sítios arqueológicos, que carregam consigo valores históricos, artísticos e culturais. Estes elementos físicos são testemunhos concretos do passado, preservados e protegidos como parte integrante da identidade e memória de uma sociedade.

Os alunos na sua investigação em família podem encontrar um móvel, uma jóia, uma peça de enxoval, roupa, caderno de receitas. Tudo que é físico e tangível fará parte e será agregado na pesquisa de campo do discente.

Por outro lado, o patrimônio imaterial compreende elementos intangíveis, como tradições orais, práticas rituais, expressões artísticas, conhecimentos e técnicas transmitidas de geração em geração. Essa dimensão abrange a diversidade cultural, a criatividade e os modos de vida de uma comunidade, representando um conjunto dinâmico e em constante evolução. O patrimônio imaterial destaca-se pela sua capacidade de promover a continuidade cultural, fortalecendo laços com o passado e influenciando a identidade coletiva no presente. Ambas as dimensões, material e imaterial, desempenham papéis cruciais na preservação e promoção da riqueza cultural de uma sociedade.

Ao investigar o passado familiar com o intuito de encontrar alguma herança, a imaterial, está relacionada com as tradições, algo que a família, segue repetindo por anos e sempre, almoço tradicional de domingo com macarrão e frango na casa a avô, uma expressão, uma música que sempre cantam, o terço que é rezado em família. Serão muitas descobertas sobre suas identidades e memórias.

Uma vez que os estudos sobre os conceitos foram realizados, o foco se volta para a pesquisa de campo, uma etapa crucial na qual os alunos se envolvem ativamente com a investigação familiar.

Realizar uma pesquisa de campo envolve uma abordagem prática e direta na coleta de dados e informações no ambiente em que o fenômeno de estudo ocorre. Essa metodologia de pesquisa é caracterizada pelo contato direto do pesquisador com o local, sujeitos ou contextos que estão sendo investigados. O processo geralmente

inclui observações, entrevistas, questionários ou outras técnicas de coleta de dados aplicadas no local onde os eventos ocorrem. A pesquisa de campo proporciona uma compreensão mais profunda e contextualizada do fenômeno estudado, permitindo ao pesquisador capturar nuances, interações e dinâmicas que podem não ser completamente compreendidas apenas por meio de métodos mais distantes. Essa abordagem é especialmente valiosa e proporciona uma imersão direta na realidade investigada, contribuindo para uma análise mais rica e informada.

A pesquisa de campo surge como uma oportunidade de explorar as próprias origens e identidade racial por meio, por exemplo, de diálogos em casa, busca por itens pessoais, registros fotográficos, documentos antigos e vestimentas. A pergunta instigante: é possível descobrir as raízes, a identidade racial e construir novas memórias ao explorar elementos tangíveis e intangíveis de nosso cotidiano?

A investigação familiar desempenha um papel central nesse processo, incentivando os alunos a dialogar com familiares, aprofundar o conhecimento sobre sua história, origens e descendência. Este momento marca a compreensão da herança material e imaterial, uma verdadeira abertura do baú de memórias do núcleo familiar em busca da própria identidade.

Cada aluno, ao compartilhar o que descobriu, traz à sala de aula elementos como fotos, joias, peças de roupa, bordados e receitas, revelando descobertas fascinantes. Inicialmente, muitos alunos acreditam já conhecer tudo sobre suas famílias, mas a pesquisa revela surpresas, ressignificando sua percepção e sentimento de pertencimento.

Sugere-se a realização de uma exposição, convidando os alunos a considerarem a oportunidade de compartilharem objetos, receitas, fotografias e heranças materiais e imateriais vinculadas às suas origens para exibição na escola. Caso haja concordância por parte dos alunos, o grupo se empenhou de forma colaborativa no planejamento e execução da exposição, com o intuito de enfatizar a grandeza dessa herança cultural e fomentar o orgulho associado à descoberta de suas identidades no contexto do projeto "Quem Sou Eu". Essa iniciativa visa não apenas promover a troca

significativa de experiências entre os estudantes, mas também valorizar e celebrar a diversidade presente na comunidade escolar.

4.4 TRILHA IV – DESCOBRINDO GRANDES NOMES DE NEGROS E NEGRAS NA ARTE

Esta trilha não possui cartão, a professora/professor, irá conduzir a trilha em torno do contexto da pesquisa científica, exploratória, orientada. Nesta trilha Descobrindo grandes nomes de negros e negras na arte.

A quarta etapa da trilha enfoca a pesquisa e investigação de negros e negras no campo das artes e linguagens, retomando a primeira etapa em que os alunos foram desafiados a mencionar nomes de personalidades negras que reconheciam em seu cotidiano. A pergunta central é: quais nomes foram mencionados e quais não surgiram durante essa reflexão?

Nessa fase, a professora de arte seguirá as diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de arte, atualmente integrados à área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias no Ensino Médio. Esses parâmetros destacam aspectos estéticos e comunicacionais, reconhecendo a arte como um conhecimento humano que se manifesta no âmbito sensível-cognitivo. Através da arte, expressamos significados, sensibilidades, modos de criação e comunicação relacionados ao mundo da natureza e da cultura.

A trilha atual, intitulada "Descobrindo Grandes Nomes de Negros e Negras na Arte", começa com a escolha das linguagens artísticas e culturais a serem exploradas pelos alunos, incluindo:

- Artes visuais
- Música
- Dança
- Teatro
- Artes audiovisuais

A proposta pedagógica "A Questão Étnico-racial como Identidade e Memória: uma Proposta de Arte em Trilhas" tem como ponto de partida o estímulo proporcionado pela cultura africana. As pesquisas nas áreas de artes visuais, música, dança, teatro e artes audiovisuais visam conhecer e reconhecer artistas negros e negras que contribuam para o cenário artístico.

Os alunos têm o momento de realizar essas pesquisas no laboratório de informática da escola ou com o uso de seus smartphones, com total autonomia e para escolher qual linguagem, qual artista. É o momento de explorar, conhecer. Mas é importante salientar que não é soltar os alunos no Google, a pesquisa deve ser orientada, direcionada, para que as fontes sejam confiáveis e seguras.

Para dar as orientações pertinentes aos alunos é preciso ter repertório. Quando falamos em repertório cultural, evocamos a vasta gama de conhecimentos, práticas e expressões que moldam a identidade de um indivíduo e, por extensão, de uma comunidade. Esse conceito abrangente engloba desde manifestações artísticas e tradições até conhecimentos históricos, linguísticos e sociais, constituindo a riqueza única que cada pessoa traz consigo. O repertório cultural não apenas reflete a diversidade de experiências vividas, mas também funciona como uma ponte entre o passado e o presente, influenciando as perspectivas individuais e coletivas. Neste contexto, explorar e compartilhar o repertório cultural torna-se uma jornada enriquecedora, capaz de promover compreensão mútua, respeito pelas diferenças e uma apreciação mais profunda das complexidades que permeiam a sociedade

Assim, segue abaixo algumas sugestões de ambientes virtuais no campo das artes visuais e institucionais para os professores buscando enriquecer o repertório cultural dos discentes/docentes para ampliar as pesquisas da trilha IV. Saliento que muitos outros existem e devem ser explorados, aqui são apenas 6, que apresento.

- **Museu da Língua Portuguesa – Heranças Africanas no Português do Brasil:** Um mergulho na influência africana na língua portuguesa, disponível online em: [Museu da Língua Portuguesa](#), localizado em São Paulo.

- **Exposição Dos Brasis: arte e pensamento negro – SESC Belenzinho:** Uma exploração rica da arte e do pensamento negro, acessível virtualmente em: [Dos Brasis](#), situado em São Paulo.
- **Museu Afro Brasil Emanuel Araújo:** Uma valiosa fonte de informações sobre a cultura afro-brasileira, disponível online em: [Museu Afro Brasil](#), com acervo online acessível [aqui](#), localizado em São Paulo.
- **Museu de Arte Negra – Rio de Janeiro:** Uma exploração da riqueza da arte negra, disponível em: [Museu de Arte Negra](#), situado no Rio de Janeiro.
- **Pinacoteca – Antonio Obá – Rovoada:** Uma exposição que destaca a obra de Antonio Obá, mais informações em: [Pinacoteca - Antonio Obá](#).
- **MASP – acervo – Escultura Amnésia:** Uma oportunidade de explorar a escultura "Amnésia" no acervo do MASP, disponível em: [MASP - Escultura Amnésia](#)

4.5 TRILHA V – APRESENTAÇÃO DAS PESQUISAS

Esta trilha não possui cartão, a professora/professor, irá conduzir a trilha com a organização das apresentações dos alunos em sala.

A quinta trilha traz as apresentações das pesquisas realizadas na trilha IV "Descobrimos Grandes Nomes de Negros e Negras na Arte" pelos alunos, quais artistas nas linguagens artísticas e culturais encontraram? Os temas trazidos seriam na pintura, escultura, arquitetura, fotografia, literatura, teatro, música, dança, cinema, etc.

Os alunos com autonomia e protagonismo, escolheram o seu tema, e compartilharam com a sala a pesquisa. A apresentação é em plataforma digital com recursos visuais, onde serão apresentados:

- a linguagem artística escolhida;
- o artista, a artista escolhida;
- relato breve sobre fatos importantes sobre a vida do (a) artista escolhida;
- imagem da obra escolhida;
- contexto sobre a obra escolhida;

- motivo do aluno/aluna pela escolha;

Em cada apresentação a turma anota no caderno a linguagem artística e qual foi o artista a artista negro, negra escolhido, dos colega, criando em seu caderno uma espécie de acervo para futuras consultas.

O professor deve estar atento para caso necessário intervenções pontuais e para complementar as linguagens que não foram contempladas, pois mesmo que os alunos possam não ter demonstrado interesse em pesquisar sobre alguma, é importante ter acesso a informação e oportunizar a aprendizagem. É de extrema importância que todas as linguagens apresentadas na trilha IV sejam contempladas com artistas negros e negras.

Ao terminar os estudos dessa trilha, os alunos podem se organizar em grupos e decidir qual manifestação artística querem vivenciar na prática, fazer releituras, reproduzir, produzir e criar, escolhendo uma linguagem e um artista negro ou negra apresentado na sala e pesquisado pela turma.

Ressalto que todas as trilhas trouxeram consigo o contexto da Lei Federal nº10.639 de 09 de janeiro de 2003 – cultura de matriz africana, com o objetivo de difundir, compreender e valorizar essa cultura tão rica e completa de significados.

4.6 TRILHA VI – COLOCANDO EM PRÁTICA O FAZER ARTÍSTICO

Esta trilha não possui cartão, a professora/professor, irá conduzir a trilha em auxiliar os alunos em suas necessidades referentes a realização prática artística de suas pesquisas.

A sexta trilha apresenta a proposta do fazer artístico, os alunos, amparados pelos estudos realizados na pesquisa artística cultural levantada, compartilhada em sala com todos, organizados com autonomia e protagonismo, decidido qual a manifestação artística querem realizar dos artistas negros e negras. Este momento, deve ser livre de amarras, onde literalmente se deve deixar fluir nos alunos, qual linguagem artística

chamou sua atenção durante todo o processo desde sua pesquisa ou até mesmo da apresentação dos outros colegas e despertou o desejo que reproduzir, produzir e fazer arte.

Nesta trilha será organizada o trabalho em equipe de forma colaborativa, explorando técnicas artísticas, sendo possível recriar ou criar algo novo inspirado na linguagem do artista escolhido. O professor irá mediar durante todo o processo criativo dos alunos, nas necessidades que eles precisem, seja de orientações em relação a uso de técnicas, aplicação de materiais, compartilhar ideias e sugestões.

Tendo as produções artísticas dos alunos prontas, será o momento de montar a exposição na escola após apresentar aos colegas em sala suas criações, explicar a intenção. Ressaltando que a temática é a questão étnica-racial, com o estímulo gerador a Lei Federal nº10.639 de 09 de janeiro de 2003 conhecendo com a percepção de artistas negros e negras.

O momento é de apresentação e de auto avaliação além do exercício de crítica estética de forma muito respeitosa, séria e aberta ao novo, pois a troca de conhecimentos é intensa e de muita valia.

As turmas trabalhadas de 2023 optaram pela linguagem visual, com a pintura de telas e tecidos que formaram uma grande colcha de retalhos. De forma muito particular estes alunos não quiseram recriar uma técnica mas sim homenagear os pesquisados com a imagem deles nas pinturas. Alguns grupos também utilizam a linguagem para representar a personalidade literária negra. Ao longo dos trabalhos questioneei sobre a escolha e os alunos responderam que com todos os estudos realizados sobre a vida de cada artista negro/negra pesquisado e conhecendo sua história, a melhor forma de demonstrar o respeito e admiração pela arte deles e delas e sua contribuição para a humanidade em geral é a homenagem eternizada de sua imagem.

5 A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO INTERDISCIPLINAR EM UM PROJETO ESCOLAR

Sou professora há 15 anos de Arte no Ensino Médio em uma escola pública do interior de São Paulo na cidade de Fernandópolis. É uma escola que para os alunos ingressarem precisam ser classificados em uma prova de conhecimentos do 9º ano. Nesta seleção, as salas são compostas por 40 alunos, que escolhem entre ensino integral que compõem 8 horas de estudo ou ensino itinerário que compõem 6 horas de estudo ou ainda ensino médio de nível técnico de 6 horas de estudos, mas com a conclusão do ensino médio com certificação técnica nas áreas de química, serviços jurídicos ou informática para internet. Nestas turmas as aulas de arte acontecem apenas em um ano, sendo 2 aulas semanais. O currículo é bem extenso, mas temos total liberdade para trabalhar os conteúdos de arte, não existe uma exigência de seguir uma matriz unificada e engessada, mas datas e calendários de eventos precisam ser trabalhados.

A cada início de ano, durante o planejamento escolar, o coordenador pedagógico, responsável pela organização dos projetos pedagógicos, e o coordenador de curso, encarregado de acompanhar a realização desses projetos, desempenham papéis cruciais. Durante essas reuniões estratégicas, a equipe de professores do ensino médio se dedica a discutir os projetos interdisciplinares que serão implementados ao longo dos semestres, visando proporcionar experiências educativas enriquecedoras para as turmas.

Nesse cenário, surge a oportunidade de apresentar propostas de projetos para o bimestre, sendo analisadas pelas disciplinas quanto à sua viabilidade dentro de suas especificidades curriculares. Essa abordagem colaborativa visa explorar a interdisciplinaridade, reconhecendo que projetos integrados têm o poder de tornar o ensino e a aprendizagem mais significativos ao abordar problemas cotidianos vivenciados pelos alunos.

A atenção da equipe pedagógica para com essa abordagem reflete a compreensão de que projetos interdisciplinares são mais atrativos, envolventes e capazes de conectar o aprendizado às realidades dos alunos. Uma consulta ao Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Arte de 1997 destaca o método do "Trabalho por Projetos", indicando a eficácia desta abordagem. Segundo o documento, o trabalho por projetos pode ser desenvolvido de forma interdisciplinar, envolvendo diversas linguagens artísticas.

Um exemplo concreto desse compromisso com a interdisciplinaridade foi o projeto "A Questão Étnico-racial como Identidade e Memória: Uma Proposta de Arte em Trilhas". Este projeto engajou disciplinas parceiras, como Língua Portuguesa e Literatura, Geografia, História, Biologia e Educação Física, para abordar a questão étnico-racial. Os professores uniram esforços, reconhecendo a importância de enfrentar o desafio de implementar efetivamente a Lei Federal nº10.639 de 09 de janeiro de 2003, que muitas vezes não é cumprida integralmente nas instituições de ensino, incluindo a escola em questão.

O comprometimento dos professores com a proposta pedagógica indica uma crença de que esta abordagem interdisciplinar é uma trilha que pode desbravar caminhos significativos. A contribuição realizada pelos componentes de Língua Portuguesa e Literatura, Biologia, Educação Física, Geografia e História, demonstram a efetiva colaboração entre as disciplinas para enriquecer a experiência educativa dos alunos.

As trilhas interdisciplinares foram meticulosamente delineadas durante a organização do segundo semestre, ocorrida em 6 de julho de 2023, durante o planejamento de curso dos Itinerários Formativos.

Este documento irá apresentar três anexos. No anexo um terá a descrição das perguntas e respostas dos professores que participaram dessa proposta pedagógica A questão étnico-racial como identidade e memória: uma proposta de arte em trilhas, com as perguntas e respostas onde temos uma percepção das impressões do trabalho realizado em sala dentro de cada componente e o relato de como foi fazer parte deste processo. No anexo dois, teremos relatos de alunos que após consulta e

autorização dos pais e desejo dos alunos com pseudônimo de escolha deles, compartilharam comigo professora o que sentiram após participarem de uma etapa de atividade realizada de forma interdisciplinar com o componente de Estudos Avançados ministrado pela professora de Língua Portuguesa. O anexo três, traz uma trilha surpresa para essa proposta pedagógica, um convite da Prefeitura Municipal da cidade para participar de um evento da cidade e os alunos puderam expor seus trabalhos plásticos visuais e apresentar suas danças de matriz africana estudadas no componente de Educação Física que foi uma disciplina parceira.

O envolvimento dos componentes curriculares parceiros em meu projeto, enriqueceu os estudos sobre a temática étnico-racial, apresentando aos alunos como o estudo em torno da cultura e história africana e afro brasileira não se restringe ao campo da Arte e sua importância não cabe em apenas um dia comemorativo, mas ao longo de um ano todo, com diversas intervenções em componentes curriculares como Língua portuguesa/literatura, história, geografia, biologia e educação física.

Os professores parceiros se sentiram felizes em participar e perceber como durante as aulas os alunos conseguiam fazer conexões com os assuntos estudados dentro da mesma temática racial. E instigou outros professores de outras áreas como inglês e filosofia e sociologia a demonstrar interesse em participar em 2024 dando continuidade às trilhas.

Como é sabido a interdisciplinaridade na educação brasileira, foi influenciada pela Lei n.º 5.692/1971 e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), n.9.394/1996, dando origem aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

As questões sociais que são relacionadas a todas as disciplinas com foco na problematização e análise constantes no documento são:

- ética;
- saúde;
- meio ambiente;
- orientação sexual;

- pluralidade cultural;

A questão étnico-racial objeto de meu estudo, está atrelada a questão social pluralidade cultural. Pois envolve problemática que precisa de intervenção, estabelecendo um conhecimento escolar não despedaçado, mas sim contextualizado com a sociedade. Assim como aparece no documento:

Os conteúdos são considerados como um meio para o desenvolvimento amplo do aluno e para a sua formação como cidadão. Portanto, cabe à escola o propósito de possibilitar aos alunos o domínio de instrumentos que os capacitem a relacionar conhecimentos de modo significativo, bem como a utilizar esses conhecimentos na transformação e construção de novas relações sociais. (PCNs,1996).

O contexto da interdisciplinaridade é abordada também na Base Nacional Comum Curricular - BNCC, que tem como um de seus objetivos assegurar essa prática no ensino, conforme aparece no documento oficial:

Decidir sobre formas de organização interdisciplinar dos componentes curriculares e fortalecer a competência pedagógica das equipes escolares para adotar estratégias mais dinâmicas, interativas e colaborativas em relação à gestão do ensino e da aprendizagem (BNCC, 2018).

Em ambos os documentos sendo em um os temas transversais pluralidade cultural e no outro o conceito interdisciplinaridade busca garantir a aprendizagem integral do aluno em dois aspectos, promover a aprendizagem do aluno nos componentes e seu desenvolvimento humano como cidadão.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cursar um mestrado na área de Arte sempre foi um sonho. E todos a minha volta diziam que eu era louca de tentar fazer um mestrado na UNESP em São Paulo, é longe, tem custo, você tem que trabalhar, tem filhos, entre outros comentários nada motivadores. Mas ao invés de desisti eu persisti. No entanto que meu pré projeto não havia sido aprovado e eu entrei com recurso e olha hoje eu escrevendo as considerações finais da minha dissertação.

Estar no mestrado do ProfArtes superou todas as minhas expectativas, a oportunidade de ter professores que antes de serem doutores são humanos, e exercem um cuidado, um zelo com o aluno, que a UNESP IA vai se tornando casa e o que seria um curso de pós graduação se torna carinho, família. O vínculo que toma conta entre professores, alunos é muito grande e os 650km aproximadamente que eu percorria de ônibus ficava muito pequeno, perto de todo o entusiasmo e satisfação dos momentos de aula, de troca de saberes e de aprendizagem.

Me inscrever, acompanhar e passar por cada etapa e cursar foi a melhor escolha da minha vida.

Sei que minha dissertação é a pontinha de uma temática muito ampla e maior que ela mesma e que muitos trabalhos vão surgir, estão sendo desenvolvidos e que somados aos meus vão tornar nossas escolas, nossas salas de aula, nossos alunos em pessoas melhores para o mundo.

A questão étnico-racial como identidade e memória: uma proposta de arte em trilhas é uma orientação, sugestão em de etapas, ações de abordagens e atividades de ensino sobre etnia racial, tendo a Lei 10.639 de 09 de Janeiro de 2003 como o estímulo gerador que não tem uma ordem fixa, engessada, meus colegas professores que tiverem acesso a ela, podem transformar em novas trilhas.

Estudar, pesquisar e efetivar tudo isso no chão de escola é fascinante é algo que o mestrado profissional proporciona ao professor que está na sala de aula, que precisa trabalhar, mas quer se qualificar.

Todos os estudos que me eram proporcionados no mestrado lá em São Paulo, na Capital, era possível trazer para sala de aula do interior, compartilhar com os alunos e eles também se empolgavam ao ver a minha emoção em cada aula de poder proporcionar tantos novos conhecimentos e perspectivas de aprendizagens para eles e a mim.

O conhecimento é o bem mais precioso que se pode ter e jamais ser roubado, e os autores que pude conhecer, ler e aprender, me acompanharão para sempre. Tantas descobertas, a cada página escrita dessa dissertação é como se eu subisse mais um degrau da escada do conhecimento, sei que esta não tem fim, e pretendo conseguir subir muitos mais ao longo da minha vida.

Todas as trilhas, atividades e estudos interdisciplinares realizados, serão para sempre lembrados pelos alunos, meus colegas professores parceiros e por mim de forma única e inesquecível.

Consegui trabalhar a Lei 10.639 de 09 de Janeiro de 2003 não em uma data para cumprir um calendário de eventos escolar, mas sim a longo prazo, em etapas, levando os alunos a trilhar um caminho de conhecimentos, reconhecimentos, reflexão, pesquisa, estudo, prática e ação cultural, histórica e política, na tentativa e busca ativa de aniquilar o racismo estrutural.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro/Editora Jandaíra, 2019, 264p.

BARBOSA, A. M. T. B. **Arte-Educação no Brasil**: realidade hoje e expectativas futuras. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/yvtmjR7MGvYKjPDGPgqBv6J/?lang=pt> Acesso em: 02 dez. 2022.

BARBOSA, A. M. T. B. e COUTINHO, Rejane Galvão e SALES, Heloisa Margarido. **Artes visuais: da exposição à sala de aula**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2005.

BARBOSA, A. M. T. B.; CUNHA, F. P. da. **A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação no Brasil**: realidade hoje e expectativas futuras. Relato encomendado pela UNESCO à INSEA. In: [s.n.], 1989. p. 181. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/slideshow/arte-educao-no-brasil-artigo-ana-mae/34645438>. Acesso em: 9 jul. 2024.

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. **Arte/Educação como mediação cultural e social**. São Paulo: UNESP, 2009.

BENTO, Cida. **Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**: educação é a base. Brasília, DF: MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 23 mar. 2023.

_____. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP 3/2004. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília, 2004

_____. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP n.º 28, de 2 de dezembro de 2004. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 3 dez. 2004.

_____. **Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP n.º 3, de 10 de março de 2004.** Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 19 mar. 2004.

_____. **Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP n.º 3, de 10 de fevereiro de 2005.** Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 11 fev. 2005.

_____. **Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP n.º 1, de 17 de junho de 2004.** Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 18 jun. 2004.

_____. **Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP n.º 2, de 15 de junho de 2004.** Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jun. 2004.

_____. **Estatuto da Igualdade Racial.** Lei n. 12.288. 2010 . Disponível em: <https://www.camara.leg.br/>. Acesso em 12 julh.2024.

_____. **Lei n.º 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

_____. **Lei n.º 11.645**, de 10 de março de 2008. Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

_____. **Lei n.º 12.288**, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 21 jul. 2010.

_____. **Lei nº 10.709, de 31 de julho de 2003.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.709.htm Acesso em: 31 dez. 2022.

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996a, p. 27.833.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF: MEC, 2017.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, DF: MEC, 2004.

_____. Ministério da Educação. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília, DF: MEC, 2006.

_____. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, DF: MEC, 2004.

_____. Ministério de Educação e Cultura. **Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC, 2004.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Arte**. Brasília: MEC, 1996.

DIFUSORA. 91FM. **FerAfro termina na quinta-feira, 30, com exposição de obras de arte e brincadeiras**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Uo_qHswirxc. Acesso em: 22 nov. 2023.

MELO, Alessandro de; RIBEIRO, Débora. Eurocentrismo e currículo: apontamentos para uma construção curricular não eurocêntrica e decolonial. **Currículo sem Fronteiras**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 375-390, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/37051>. Acesso em: 23 jul. 2024.

Projeto Sankofa discute as questões e relações étnico-raciais, 10/10 2018 – fonte EPSJV/Fiocruz. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/projeto-sankofa-discute-questoes-e-relacoes-etnico-raciais>. Acesso em: 15 mar.2022.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p. (Feminismos Plurais)

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: 1ª Companhia das Letras, 2019.

RIZZO, Suzimara Regina Batista, **Devaneios**. Fernandópolis, 2023.

SANKOFA: **significado desse símbolo africano**. Disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/sankofa-significado-desse-simbolo-africano/>. Acesso em: 02 dez 2023.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Currículo Referência de Arte para o Estado de São Paulo**. São Paulo, 2008.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”**: Branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo. São Paulo: Editora Veneta, 2020.

SCHWARZ, Lília. **O Parto do Brasil**: Uma Análise Cultural da Crise de População no Brasil, 1870-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. COORDENADORIA PEDAGÓGICA. **Currículo da Cidade**: Educação Antirracista: orientações pedagógicas: Povos afro-brasileiros. São Paulo, 2017. Versão atualizada em 2022.

SEIXAS, Raul. **Metamorfose Ambulante**. Intérprete: Raul Seixas. In: Krig-ha, Bandolo!. São Paulo: Philips, 1973. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/raul-seixas/48317>. Acesso em: 02 dez 2022.

SEIXAS, Raul. **Um sonho que se sonha só é apenas um sonho que se sonha só, mas um sonho que se sonha junto é realidade**. In: GITA. São Paulo: Philips Records, 1974. 1 disco sonoro, 33 1/3 rpm, estéreo.

TEM. Notícias 1a Edição – Rio Preto/Araçatuba. **Semana da Consciência Negra conta com diversas apresentações em Fernandópolis**. Globoplay. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12134886/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

ANEXO 1 - BATE PAPO COM OS PROFESSORES DAS DISCIPLINAS PARCEIRAS NA PROPOSTA PEDAGÓGICA A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL COMO IDENTIDADE E MEMÓRIA: UMA PROPOSTA DE ARTE EM TRILHAS.

Neste anexo descrevo as entrevistas realizadas com os professores das disciplinas parceiras, as perguntas e respostas dadas por eles ao participarem da proposta pedagógica A questão étnico-racial como identidade e memória: uma proposta de arte em trilhas.

A disciplina de Biologia, propôs uma imersão na temática do preconceito racial, com foco na análise do DNA em relação aos negros. Essa abordagem conduzida através do filme "Miss Evers' Boys" (traduzido para o português como "Cobaias"), que relata a participação dos negros do condado de Macon, Alabama, entre 1932 e 1972, no "Estudo Tuskegee de Sífilis Não Tratada em Homens". Esse estudo envolveu testes nos quais todos os participantes, sem tratamento, vieram a óbito. A cultura de se acreditar em 1932 que os negros e negras eram biologicamente inferiores aos brancos, bem como enfermeiras e médicos negros e negras eram menos capazes, são evidentes ao longo do filme e claro, mostra como os afro americanos foram tratados como animais de testes de laboratório. Vidas que não importavam, pois os resultados serviriam para salvar vidas brancas. #VIDASNEGRASIMPORTAM desde sempre!

No âmbito da Educação Física, o enfoque recaiu na apresentação, inserção, resgate, prática e confecção de brinquedos, jogos e brincadeiras de origem africana.

A disciplina de Geografia abordou a organização dos grupos sociais negros, a inserção dos negros e afro-brasileiros no mercado de trabalho, além de discutir temas sensíveis como violência, racismo e preconceito dirigidos a esses grupos.

No campo da História, a proposta foi explorar a religião negra e sua organização, assim como as canções, cantigas, danças e suas representações na cultura negra e afro-brasileira.

Ao longo de todo o processo de planejamento, tornou-se evidente o entusiasmo dos professores das disciplinas mencionadas em participar do projeto "Questão Étnico-racial como Identidade e Memória: Uma Proposta de Arte em Trilhas".

Abaixo segue os depoimentos dos professores que trabalharam de forma interdisciplinar. As perguntas foram enviadas no whatsapp dos professores e professoras e as respostas foram escritas pela professora e transcritas de forma fiel

A professora Jéssica Laira de Araujo Esgoti Uliana de Língua Portuguesa e Literatura, declarada branca nos documentos de registro, mas filha de mãe afro-brasileira e se reconhece etnicamente como mulher com herança negra e sangue afro, no primeiro semestre de 2023 trabalhou com os alunos a questão étnico-racial em seu componente visando o trabalho interdisciplinar com artes e auxiliar o meu objeto de pesquisa, como segue abaixo o seu depoimento:

Como você sente o seu componente dentro da pesquisa sobre a questão étnico-racial?

“Acredito que o componente de Língua Portuguesa e Literatura é uma porta de entrada para discussões étnico raciais. Quando pensamos em língua, estamos pensando em sociedade e seus falantes dessa língua. Estamos pensando em quem ouve, fala, escreve e lê. Sabemos que há a norma padrão da língua portuguesa, mas podemos ir além disso. No componente de LPL podemos fazer discussões e análise de textos, tiras, quadrinhos, propagandas e, juntamente, com o trabalho de análise e interpretação desses gêneros textuais, podendo trabalhar a temática étnico racial mediante vocábulos, expressões, contextos de escrita. Um exemplo é o autor
¹²*Maurício Pestana. Pode-se analisar também questões do Enem que envolvem essa*

¹² Maurício Pestana - Jornalista, Doutor pela Universidade de Vassouras RJ, CEO da Revista RAÇA, Especialista para áreas de Direito e Inclusão na CNN Brasil e Consultor Empresarial de Diversidade e Inclusão.

temática, assim como produção textual. No âmbito da literatura, o professor pode aprofundar mais ainda o tema, uma vez que poderá discutir o tema de forma interdisciplinar: história, geografia, filosofia, sociologia e artes. Acho que o componente de LPL é riquíssimo para auxiliar na conscientização dos alunos de que falar sobre cultura, raça, etnia, racismo e respeito é preciso e deve ser discutido em todo momento, não apenas no Dia da Consciência Negra. Eu, particularmente, fico encantada com as discussões que surgem e, principalmente, quando é o lugar de fala de algum aluno. Isso é de uma grandeza e tenho certeza que eles levam para a vida o compartilhamento de informações e experiências.” (ULIANA, 2023)

Qual a importância de estudar a memória e a identidade étnico-racial dos alunos iniciando a abordagem pela literatura?

“A literatura é ampla e caminha em conjunto com demais disciplinas, entre elas: história, geografia, filosofia, sociologia e artes. Creio que quando estudamos literatura, estamos estudando o reflexo da sociedade de uma época, sua estrutura, modo de pensar, suas dores e descontentamentos. Ensinar os alunos sobre suas origens por meio do estudo da memória e identidade étnico racial é fundamental, uma vez que somos um país miscigenado. Quando trabalhamos literatura no primeiro ano, podemos realizar discussões sobre esse tema desde o descobrimento do Brasil - Quinhentismo (cartas e relatos que falam sobre a vinda dos negros) e o período de colonização e exploração - Barroco (Gregório de Matos que insultava os negros em seus poemas; obras de Aleijadinho) e Arcadismo (autor afro-brasileiro Domingos Caldas Barbosa).

No segundo ano a discussão e resgate da memória étnico racial fica mais intensa com os períodos do Romantismo (Antônio Gonçalves Dias, que era filho de uma escrava mestiça de índio e negro, mas que sua raça se apaga ao apenas enaltecer o indígena), Realismo (Joaquim Maria Machado de Assis e críticas à escravidão em Memórias Póstumas de Brás Cubas), Naturalismo (Aluísio de Azevedo, com a obra o Mulato e o Cortiço) e Simbolismo (João da Cruz e Sousa, com o foco na cor branca em seus

poemas). Todas essas discussões podem ser atreladas com o período histórico da época - abolição da escravidão.

No terceiro ano, é o momento da consolidação de dois anos de análises literárias e discussão étnico racial. Os alunos iniciam com o Pré-Modernismo (Lima Barreto, que sofreu preconceito e Monteiro Lobato, que expõe racismo em suas obras - A negrinha e o Sítio do Pica Pau Amarelo). Depois os alunos mergulham no Modernismo (1ª, 2ª e 3ª geração - Oswald de Andrade e Mario de Andrade, com a semana de Arte Moderna; o samba, Carolina Maria de Jesus, Jorge Amado, poesia marginal) e literatura Contemporânea (Emicida, Conceição Evaristo, Miriam Alves, Paulo Lins). Não poderia deixar de mencionar no Romantismo o autor Castro Alves (Navio Negreiro).

Todos esses autores e obras são apresentados aos alunos durante os três anos do ensino médio e as discussões são vastas. Acredito que entender a nossa cultura, nossa origem, nos faz entendermos quem somos e o que precisamos defender. Como professora e educadora, sinto-me na responsabilidade de estimular esse conhecimento nos alunos, para que sejam cidadãos conscientes e respeitosos. Para que saibam seu lugar de fala e saibam se colocar no lugar do outro. Falar sobre a temática étnico racial de ver ser algo diário e contínuo.

Além da literatura, esse ano foi trabalhado com a turma do 3º ano do Ensino Médio com Itinerário em Linguagens, Ciências Humanas e Sociais o projeto: Costura Textual - entre linhas e pontos, no qual os alunos produziram até o momento radionovela e telenovela. Para tanto, foi apresentado aos alunos o documentário “A negação do Brasil” para discutir sobre a questão racial da época na dramaturgia brasileira.” (ULIANA, 2023)

A professora Jéssica Laira de Araujo Esgoti Uliana, solicitou aos alunos um portfólio, onde tem o registro de como este estudo em forma de escrevivência, análise, leitura e reflexão, impactou ou refletiu na sua vida, no seu cotidiano, no fim do 2º semestre de 2023, a professora teve acesso ao material dos alunos e alguns disponibilizaram suas escritas com pseudônimos como parte desta pesquisa.

Ainda durante a conversa informal a professora Jéssica Laira de Araujo Esgoti Uliana disse que se sentiu tão tomada pela minha pesquisa, que estendeu esse tema étnico-racial também para os 2º anos e 3º anos do Ensino Médio com Itinerários Formativos, vendo a importância e ao mesmo tempo refletindo em sua formação acadêmica a negação de abordar estudos ligados a cultura negra, africana e afro-brasileira.

O professor Gustavo Galvão Ferreira de Geografia, declarado branco nos documentos de registro, mas filho de mãe afro-brasileira e pai indígena se reconhece etnicamente como homem com herança negra e sangue indígena, no segundo semestre de 2023 trabalhou com os alunos a questão étnico-racial em seu componente de Geografia.

Como você sente o seu componente dentro da pesquisa sobre a questão étnico-racial?

“Dentro da geografia a importância dos estudos étnico-raciais, pois compreende a formação de identidades culturais das comunidades. O entendimento da distribuição espacial de grupos étnicos, a análise de migrações históricas e a consideração dos contextos geográficos contribuem para uma visão mais completa das dinâmicas sociais. A geografia também destaca as diferenças territoriais, revelando desigualdades socioeconômicas e acesso desigual a recursos. Integrar a geografia nos estudos étnico-raciais proporciona uma melhor compreensão das interações entre pessoas, cultura e espaço, auxiliando na promoção da justiça social e na construção de uma educação mais inclusiva.” (FERRERIA, 2023)

Qual a importância de estudar a memória e a identidade étnico-racial dos alunos iniciando a abordagem pelo seu componente?

“Explorar a memória e identidade étnico-racial dos alunos através da geografia é essencial para construir uma compreensão mais contextualizada de suas experiências. A geografia destaca como o espaço, o lugar e as dinâmicas geográficas moldam as narrativas étnico-raciais. Iniciar por essa abordagem não apenas enriquece a compreensão dos alunos sobre suas próprias origens, mas também os

conecta a questões globais, promovendo uma consciência crítica e um diálogo mais amplo sobre diversidade e inclusão.” (FERREIRA, 2023)

Relate algo que você gostaria de destacar que sentiu dos alunos ao realizar esse trabalho.

“A formação de um olhar crítico sobre questões sociais, raciais e histórico-culturais. Os alunos passaram a ter a visão da importância dos estudos étnico-raciais para a formação do espaço geográfico e cultural das comunidades, e até mesmo para sua própria formação sociocultural.” (FERREIRA, 2023)

A professora Larissa Martins Costa, Licenciatura em História, Bacharel em Direito e Mestra em Educação, declarada branca, pais brancos e uma irmã adotiva de 16 anos negra. No segundo semestre de 2023 trabalhou com os alunos a questão étnico-racial em seu componente de História.

Como você sente o seu componente dentro da pesquisa sobre a questão étnico-racial?

“O componente de História é fundamental para que se compreenda todo processo de exploração e discriminação da população preta, ainda mais com a força que o racismo estrutural tem em nossa sociedade. Contudo, vejo que a cobrança acaba ficando muito restrita aos componentes das Ciências Humanas, sendo que é uma discussão muito complexa e aí ser delegada como se afetasse somente as humanidades, não se amplia a discussão e segue sendo superficial. Deveria ser provocada para todas as áreas do conhecimento, para que houvesse a compreensão da necessidade de se falar sobre a Consciência negra em sua totalidade.” (MARTINS, 2023)

Qual a importância de estudar a memória e a identidade étnico-racial dos alunos iniciando a abordagem pelo seu componente?

“Um dos principais instrumentos da História é a memória, Edmund Burke já dizia que um povo que não conhece sua História está fadado a repeti-la. Logo, o não

reconhecimento de sua História, origens e raízes, fará com que a população preta naturalize situações de discriminação e marginalização social, tão fortemente reproduzida pelo racismo estrutural. Logo, a História é um meio de reparação de oportunidades e mudança social.” (MARTINS, 2023)

Relate algo que você gostaria de destacar que sentiu dos alunos ao realizar esse trabalho.

“Como eu disse anteriormente, delegar o debate somente para os componentes de Ciências Humanas, acaba não aprofundando o assunto como deveria. Mas sinto que oportunizar trabalhos e debates sobre a temática, incentiva um olhar crítico acerca da temática e que os alunos que são pretos, passam a compreender algumas situações sociais que passaram não são naturais.” (MARTINS, 2023)

O professor Vincenzo Cavenagui, Licenciado em Educação Física, declarado branco, quis ressaltar que seus pais são brancos e tem uma irmã adotiva de 35 anos afrodescendente. No segundo semestre de 2023 trabalhou com os alunos a questão étnico-racial em seu componente de Educação Física.

Como você sente o seu componente dentro da pesquisa sobre a questão étnico-racial?

“Como professor de Educação Física envolvido na confecção e na introdução de jogos e brincadeiras africanas, sinto que o meu componente desempenha um papel crucial na pesquisa sobre a questão étnico-racial. Através dessas atividades, não só proporcionamos aos alunos uma experiência prática e lúdica, mas também abrimos espaço para discutir e valorizar a cultura africana e afrodescendente. Ao incorporar elementos da cultura africana nas aulas de Educação Física, estamos contribuindo para uma maior representatividade e inclusão étnico-racial no currículo escolar.” (CAVENAGUI, 2023)

Qual a importância de estudar a memória e a identidade étnico-racial dos alunos iniciando a abordagem pela Educação Física?

“Estudar a memória e a identidade étnico-racial dos alunos, começando pela abordagem pela Educação Física, é de extrema importância. A Educação Física não deve ser vista apenas como uma disciplina voltada para o desenvolvimento físico e motor dos alunos, mas também como um espaço para promover a reflexão e o respeito à diversidade cultural. Ao explorar as brincadeiras e jogos africanos, estamos proporcionando aos alunos a oportunidade de se reconhecerem e se identificarem com uma herança cultural muitas vezes negligenciada nos currículos escolares tradicionais. Isso ajuda a fortalecer a autoestima e a valorização da identidade étnico-racial dos estudantes.” (CAVENAGUI, 2023)

Relate algo que você gostaria de destacar que sentiu dos alunos ao realizar esse trabalho.

“Uma experiência marcante que gostaria de destacar ao realizar esse trabalho foi a receptividade e o entusiasmo dos alunos ao conhecerem e participarem das brincadeiras e jogos africanos. Percebi que eles se sentiram valorizados ao verem sua cultura representada de forma positiva dentro da escola. Além disso, houve uma maior integração entre os alunos, independentemente de sua origem étnico-racial, mostrando que essas atividades têm o poder de promover a união e o respeito mútuo entre diferentes grupos. Essa troca de experiências e aprendizados contribuiu significativamente para um ambiente escolar mais inclusivo e diversificado.” (CAVENAGUI, 2023)

A professora Midian Niquel, Licenciatura em Biologia, declarada branca, pais brancos. No segundo semestre de 2023 trabalhou com os alunos a questão étnico-racial em seu componente de Biologia.

Como você sente o seu componente dentro da pesquisa sobre a questão étnico-racial?

“Como professora de Biologia que trabalhou com os alunos a questão étnico-racial utilizando o filme “Cobaias Humanas”, sinto que meu componente na pesquisa sobre essa temática é crucial. A Biologia tem um papel fundamental na compreensão das

diferenças genéticas e biológicas entre os diferentes grupos étnico-raciais, além de contribuir para desmistificar noções de raça como algo puramente biológico. A abordagem interdisciplinar permite uma análise mais profunda das questões étnico-raciais, contextualizando-as tanto no âmbito biológico quanto sociocultural.” (NIQUEL, 2023)

Qual a importância de estudar a memória e a identidade étnico-racial dos alunos iniciando a abordagem pela Biologia?

“Estudar a memória e a identidade étnico-racial dos alunos, iniciando a abordagem pela Biologia, é de extrema importância. A Biologia nos fornece uma compreensão científica das características genéticas e biológicas que estão envolvidas na construção da identidade étnico-racial. Ao compreendermos esses aspectos, podemos promover discussões mais significativas sobre a diversidade humana, combatendo estereótipos e preconceitos. Além disso, ao entender como a Biologia se relaciona com a construção da identidade étnico-racial, os alunos podem desenvolver uma maior consciência sobre as questões de justiça social e igualdade.” (NIQUEL, 2023)

Relate algo que você gostaria de destacar que sentiu dos alunos ao realizar esse trabalho.

“Ao realizar esse trabalho com os alunos, algo que gostaria de destacar é a sensibilidade e o engajamento que percebi neles. Os alunos demonstraram uma disposição genuína para explorar questões complexas e muitas vezes delicadas relacionadas à diversidade étnico-racial. Eles mostraram interesse em compreender não apenas os aspectos biológicos, mas também os aspectos socioculturais envolvidos na construção da identidade étnico-racial. Além disso, notei uma abertura para questionar e desconstruir concepções prévias sobre raça e etnia, o que evidencia um importante processo de conscientização e reflexão por parte dos alunos. Esse tipo de atitude me enche de esperança e confirma a importância de abordagens interdisciplinares para lidar com questões tão complexas e urgentes como essa.” (NIQUEL, 2023).

ANEXO 2 - DEPOIMENTOS VOLUNTÁRIOS DOS DISCENTES

Em 2023, a realização do projeto "A Questão Étnico-racial como Identidade e Memória: Uma Proposta de Arte em Trilhas", foi explorada em sala de aula ao longo do ano. O trabalho interdisciplinar propiciou depoimentos dos alunos em dois momentos distintos: suas perspectivas durante o desenvolvimento do projeto, entre os meses de abril e maio, e também em novembro na semana da Consciência Negra. Nos componentes de Estudos Avançados e Laboratório de Mediação Sociocultural, quatro alunos produziram relatos de forma espontânea, coincidindo com o encerramento da exibição do documentário "A Negação do Brasil" de Joel Zito Araújo. Posteriormente, foi discutido com esses alunos a possibilidade de inclusão de seus escritos na dissertação do mestrado. Todos expressaram o desejo de que suas contribuições fossem incorporadas, indicando também os pseudônimos a serem utilizados.

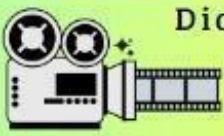
Consciência negra

Nos componentes de L.M.I.S. e E.A., foi passado um documentário chamado "A Negação do Brasil", onde é apresentado sobre como os atores negros eram tratados e os papéis disponíveis para eles, além de demonstrar a evolução da inclusão do negro em papéis de mais importância nas novelas, aumentando sua representação e a representação de outros grupos sociais. No componente de Língua Portuguesa, ao vermos obras de grandes autores renomados, trabalhamos a imagem do negro retratada nos livros, sua posição social, como era descrito e a visão do autor sobre ele.

Luna Marques, 2023 - Fernandópolis/SP

DOCUMENTÁRIO: A NEGAÇÃO DO BRASIL

Dia 24/04/2023 à
26/05/2023



Dia 24 de abril de 2023 foi passado para a turma B o documentário A Negação do Brasil com relação ao próximo subtema do projeto "Telejornal e Telenovela". O documentário é uma viagem na história da telenovela no Brasil e, particularmente, uma análise do papel nelas atribuídos aos atores negros, que sempre representam personagens mais estereotipados e negativos. Baseado em suas memórias e em fortes evidências de pesquisas, o diretor aponta as influências das telenovelas nos processos de identidade étnica dos afro-brasileiros e faz um manifesto pela incorporação positiva do negro nas imagens televisivas do país.

Em minha perspectiva, o documentário foi uma ótima transição de um projeto para outro. Pois nele havia a retomada sobre as radionovelas e introdução de como surgiu as telenovelas chegando até atualmente. Mas não só isso, porque explicava o ponto de vista e a mostrava a vivência de atores da época e o que tinham que repassar para conseguir um papel em alguma novela.

Estudos
Avançados

Clara Mendes, 2023 - Fernandópolis/SP

DOCUMENTÁRIO

✕



A Negação do Brasil, é um documentário que mostra viagem na história da telenovela no Brasil e particularmente uma análise do papel nelas atribuído aos atores negros, que sempre representam personagens mais estereotipados e negativos. De maneira análoga, por meio da interdisciplinaridade, é importante analisar e rever que o dia da Consciência Negra não deve ser lembrado apenas no seu dia (20) de novembro, e sim á todo instante, dentro e fora das escolas. Visto assim, é necessário destacar a força e resistência que os povos negros passam e já passaram.

Sofia Cruz, 2023 - Fernandópolis/SP

CONSCIÊNCIA NEGRA

No dia 20 de novembro, é celebrado o dia da Consciência Negra, a fim de combater e refletir sobre as desigualdades sociais e o racismo presente ao longo da história. A maioria das pessoas discute sobre o assunto apenas nessa data, contudo, é uma pauta que deveria ser abordada com mais frequência.

Ao longo do semestre, nos deparamos com diversos conteúdos que referenciam questões raciais. Monteiro Lobato, escritor Pré-Modernista, foi alvo de acusações ao, hipoteticamente, praticar o racismo, devido aos estereótipos e posição do negro na sociedade. Além disso, os autores desse período, Pré-Modernismo, criticavam e denunciavam as mazelas sociais.

Assistimos o documentário "A negação do Brasil" que busca mostrar a influência negra na construção das telenovelas brasileiras, destacando as lutas do afrodescendente pelo seu reconhecimento televisivo. Por fim, esses são alguns de muitos materiais que estudamos e vimos a importância de refletir sobre as influências negras na sociedade.

Aurora Brilhante, 2023 – Fernandópolis/SP

ANEXO 3 - UMA TRILHA SURPRESA PARA O CAMINHO DA INTERDISCIPLINARIDADE

O trabalho interdisciplinar enriqueceu ainda mais a aprendizagem dos alunos no contexto étnico-racial, dentro das especificidades de cada componente. Cada professor que se propôs a explorar a temática objeto de estudo desta pesquisa com os alunos, se organizou de alguma forma com uma apresentação em sala, onde os alunos compartilharam seus estudos e pesquisas.

E em meio a todas essas trilhas compartilhadas e que se inter-relacionam no contexto histórico, político, social ou cultural, fomos surpreendidos com um convite muito especial pela secretaria municipal de cultura da cidade.

Pelo 2º ano consecutivo é realizado o FER AFRO, um evento cultural que busca trazer as questões étnico-raciais, da comunidade negra na cidade com a percepção da educação. Convida escolas para apresentar à comunidade local como é trabalhado o tema racial dentro das instituições de ensino.

O evento acontece na semana da Consciência Negra. Ao receber o convite, compartilhei com a direção da escola que autorizou a participação e comuniquei os alunos, discutindo com eles o que a nossa escola, iria levar para a comunidade, sendo que nosso projeto: A Questão étnico-racial como Identidade e Memória: uma proposta de Arte em Trilhas, trabalhou durante todo o ano de 2023 várias nuances sobre a questão racial.

Os alunos com autonomia e muita responsabilidade e sentimento de exercício de cidadania, para com suas heranças culturais e de identidade, escolheram levar as produções da trilha final do projeto e as danças estudadas no trabalho interdisciplinar com a disciplina de história.

Eis que surge uma nova etapa, a de repensar como expor as produções visuais de artes plásticas e organizar o figurino e como levar as danças com muita honraria e empoderamento de orgulho ao pertencer às raízes africanas e afro brasileiras.

Os estudos culturais sobre as danças que anteriormente foram realizados na teoria, agora os alunos também tiveram a oportunidade de exercerem na prática, apresentando para um grande público em um evento de valorização a cultura negra.

Segue abaixo a publicação do evento, o cronograma de apresentação onde consta as danças dos alunos e o link abaixo com a reportagem de uma TV local da região e da propaganda da cidade realizada pela comunicação da prefeitura.



DIA 22**A partir das 8H**

- EMEF Antônio Maurício da Silva – Dança 'Baianá – Barbatuques'
- ETEC Prof. Armando José Farinazzo – Dança 'Jongo'
- ETEC Prof. Armando José Farinazzo – Dança 'Maculelê'
- ETEC Prof. Armando José Farinazzo – Dança do Coco'
- ETEC Prof. Armando José Farinazzo – Dança 'Samba'
- Ludmila Teodoro e Daniele Galdino – Contação de História 'Na pele da mulher preta'



Fonte: (TEM, 2023)

Ao fundo do repórter¹³, tem a colcha de retalhos e telas com os grandes mestres da pintura, literatura, política, ciências e várias outras áreas importantes que tiveram negros e negras como grandes líderes e gênios brilhantes, que nossos alunos homenagearam após desenvolverem as trilhas.

¹³ TEM. Notícias 1a Edição – Rio Preto/Araçatuba. Semana da Consciência Negra conta com diversas apresentações em Fernandópolis. Globoplay. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12134886/>. Acesso em: 22 nov. 2023.



Apresentação da dança do samba.



Apresentação da dança do Coco.



Apresentação da dança do Jongo



Apresentação Dança Maculelê

A apresentação ocorreu no dia 22/11/2023 às 08h00 da manhã no teatro municipal da cidade, não tínhamos transporte, assim como todos fomos andando da Escola até o local, cerca de 20 minutos de caminhada. Os alunos foram com seus trajes e objetos de apresentação sendo levados nas mãos e eu e os professores parceiros, que trabalharam de forma interdisciplinar, acompanhamos os alunos.

Os alunos se sentiam eufóricos, animados e principalmente orgulhosos de apresentarem para um grande público o resultado prático de uma pesquisa que foi feita ao longo do ano. Alguns alunos conseguiram que seus pais e amigos comparecessem para prestigiar.

Comprovamos a preocupação e dedicação dos alunos com os detalhes do figurino, coreografia, e principalmente com o respeito em não fazer qualquer coisa que pudesse ser desrespeitoso para a crença, a cultura negra.

Além de se sentirem valorizados pelo convite da secretaria municipal de cultural da cidade, chegar e encontrar a TV da região, fazendo uma reportagem e tendo as danças como forma de elucidar todo o resgate e ressaltar a importância da cultura negra para com nossa identidade e memória histórica, tornou todo o processo estudado na escola, as pesquisas de campo, a discussão em família, as apresentações em sala, mais significativa e de extrema importância.